

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a
guerra como elemento dinamizador da economia
norte-americana**

Roger Vieira Rodrigues

Matrícula nº: 107326806

vieira_roger@msn.com

ORIENTADOR: Prof. Daniel de Pinho Barreiros

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

SETEMBRO 2011

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a
guerra como elemento dinamizador da economia
norte-americana**

Roger Vieira Rodrigues

Matrícula nº: 107326806

vieira_roger@msn.com

ORIENTADOR: Prof. Daniel de Pinho Barreiros

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

SETEMBRO 2011

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as forças ocultas e manifestas que conduziram e permitiram a conclusão do presente trabalho.

Agradeço a minha família por todo apoio e investimento em minha educação, sem a qual não estaria aqui.

Agradeço aos professores do IE pela sólida formação e inigualável conhecimento à mim transmitidos. Neste ensejo, agradeço especialmente ao meu orientador Daniel de Pinho Barreiros, pela oportunidade concedida à confecção do presente trabalho deste seus primórdios.

Agradeço a todos os amigos que fiz no IE, pelas horas de aprendizado e diversão concedidos, não posso citar todos, mas em especial: Aline, Licia, Lin, Helder, Pedro e Thiago.

Agradeço aos novos tempos, que hão de vir.

RESUMO

O presente trabalho incorre na análise do papel desempenhado pela Segunda Guerra Mundial na sociedade norte-americana, durante o seu transcurso. Buscar-se-á, assim, evidenciar as principais transformações perpetradas no país durante o período que vai de 1939 à 1945, marcadas pela economia de guerra, mas cujos efeitos transbordam os limites meramente militares, contribuindo para a ascensão dos Estados Unidos como a nação mais poderosa do globo.

ABSTRACT

This work incurs the analysis of the role played by the Second World War in American society, during its course. Search will thus highlight the main changes in the country perpetrated during the period, which runs from 1939 to 1945, marked by the war economy, but whose effects spill over the boundaries merely military, contributing to the rise of the United States as the most powerful nation on the globe.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE GRÁFICOS	9
ÍNDICE DE TABELAS	10
INTRODUÇÃO	11
I - DA NEUTRALIDADE AO LEND-LEASE: OS ESTADOS UNIDOS ASSUMEM SUA POSIÇÃO	18
I.1. – O INÍCIO DO CONFLITO	19
I.2. – A NEUTRALIDADE	21
I.3. – O <i>LEND-LEASE</i>	29
I.4. – O DESENNOLAR DA GUERRA: AS ALIANÇAS	32
II – GUERRA E CONSOLIDAÇÃO DE PODER	36
II.1. OS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA	37
II.2. AS ARMAS DA GUERRA	38
II.2.1. PRODUÇÃO EM MASSA	38
II.2.1.1. AUTOMÓVEIS, AVIÕES E NAVIOS	39
II.2.1.2. O PETRÓLEO	43
II.2.2. A TECNOLOGIA	46
II.3. OS HOMENS	49
II.3.1. OS SOLDADOS	49
II.3.2. OS CIVIS	52
II.4. AS CONFERÊNCIAS	55
III - O LEGADO DA GUERRA	59
III.1. - ALARGANDO AS FRONTEIRAS	60

III.2. - A GUERRA: PERSPECTIVAS GERAIS	62
III.3. – TRANSFORMAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS	67
III.3.1. - A TECNOLOGIA	70
III.3.3. – A VIDA CIVIL	73
III.4. – A POLÍTICA EXTERNA	77
III.4.1 AS CONFERÊNCIAS	78
III.4.2 – BRETTON WOODS	79
CONCLUSÃO	81
BIBLIOGRAFIA	83

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.: Produção e afundamento de navios mercantes durante a guerra.	41
Gráfico 2.: Produção mundial de tanques e aviões durante a guerra. (em milhares)	42
Gráfico 3.: Pesquisa sobre a moral do soldado americano, 1944.	50
Gráfico 4.: Produção americana de munições. Julho de 1940 – Julho 1945.	62
Gráfico 5.: Mortes na guerra em relação ao pessoal mobilizado para tal.	63
Gráfico 6.: Gastos do Governo destinados a guerra ao longo da história do país. (%) .	64
Gráfico 7.: Gastos do Governo em defesa. (Bilhões)	65
Gráfico 8.: Gastos em assistência social em relação ao total gasto pelo Governo 1929 – 1975.	65
Gráfico 9.: Produção de alumínio 1939 – 1945 e cobre 1942 – 1945.	67
Gráfico 10.: Trabalhadores engajados na produção por indústria. (Milhares)	68
Gráfico 11.: Consumo de petróleo e Consumo de derivados do petróleo.	69
Gráfico 12.: Patentes registradas nos Estados Unidos, 1909 – 1999.	71
Gráfico 13.: Desemprego nos Estados Unidos.	74
Gráfico 14.: Inflação e ganhos na manufatura.	75
Gráfico 15.: Sindicatos e Horas de trabalho na manufatura.	76

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.: Movimento da produção industrial pelo mundo, 1929 – 1937. (%)	19
Tabela 2.: Pesquisa Roper 1939.	23
Tabela 3.: Equipamentos enviados à Rússia durante o <i>Lend-Lease</i>	31
Tabela 4.: Índice de produção industrial em 1939. (1935-39 = 100)	32
Tabela 5.: Decréscimo das transações da Inglaterra e incrementos das norte-americanas com países do império britânico. (1914-1924)	34
Tabela 6.: Estimativas de produção industrial, pré e pós-Pear Harbor.	37
Tabela 7.: Desemprego nos Estados Unidos 1939 – 1945.	57
Tabela 8.: Crescimento do PIB 1939 – 1945. (Bilhões de dólares)	57
Tabela 9.: Consumo das famílias americanas, anos selecionados	73
Tabela 10.: Crescimento de cidades americanas 1940 – 1945 (milhões)	74

INTRODUÇÃO

Como afirmaria o cientista político e fundador da STRATFOR (maior empresa do setor de inteligência do mundo), George Friedman (2008. p.56):

“Os Estados Unidos estiveram em guerra por cerca de 10% de sua existência. Essa estatística só inclui guerras importantes – a Guerra de 1812, a Guerra Mexicano-Americana, a Guerra Civil, as duas Guerras Mundiais, a Guerra da Coréia, do Vietnã... Durante o século XX, os EUA estiveram em guerra 15% do tempo. Na segunda metade do século XX, foi 22% o do tempo. E desde o começo do século XXI, em 2001, os EUA estiveram permanentemente em guerra. A guerra é central para a experiência norte-americana, e sua frequência é cada vez maior. Está incrustada na sua cultura e profundamente enraizada na geopolítica do país.”

Os Estados Unidos nascem da guerra, toda sua formação decorre de uma espécie de imperialismo interno, resultando em expansão da fronteira para o Oeste, e a guerra terá papel vital em toda a sua história. Como já afirmava George Washington em 8 de janeiro de 1790 em mensagem ao Congresso: *“To be prepared for war is one of the most effectual means of preserving peace.”*

Torna-se, pois, de extrema valia enredar as conjecturas especiais deste país, em que se permita compreender seu processo histórico de desenvolvimento, sobretudo no período iniciado a partir da segunda metade do século XIX, essencialmente após uma guerra, a Guerra Civil Americana, até o século XX, onde uma profunda transformação irradiou-se no horizonte. A velha potência inglesa dava seus sinais de desgaste e deterioração, sua influência e poder para manutenção do sistema de Estados mundial enlanguescia-se a cada dia, um novo caminho se abria, o caminho para a ascensão norte-americana.

Nesse contexto, a Segunda Guerra Mundial surge como o momento em que a sociedade norte-americana atinge seu zênite de poder econômico e influência mundial. A economia norte-americana se revitalizará, após uma década de depressão, adaptada a uma economia de guerra, mas cujos efeitos transbordarão para a sociedade como um todo, ultrapassando os limites do ideal de vitória na guerra, apenas, para a constituição de um ideal superior, a de vitória na inserção do país na liderança do sistema político internacional.

Rompendo seu isolacionismo secular, e contando com seu posicionamento geográfico privilegiado, distante da guerra, os Estados Unidos entraram na guerra da maneira e no tempo mais propício, para tomar as rédeas da economia mundial. Suas indústrias abrigarão a maior capacidade produtiva do mundo; no campo, a agricultura atinge um elevado nível de produtividade, sustentando o desenvolvimento do país; suas

empresas se consolidarão como as maiores existentes, atingindo lucros jamais vistos e difundindo sua imagem pelos demais países; acordos internacionais são estabelecidos, estabelecendo o ordenamento do sistema internacional do pós-guerra; a moeda norte-americana é consolidada pelo padrão-dólar; enfim, toda uma profusão de transformações ocorrerão no caminhar do período caótico e conturbado da Segunda Guerra Mundial, em que se dá o florescimento da nova ordem mundial, caucada no poder econômico e militar norte-americano.

Portanto, o presente trabalho remete à uma análise histórica deste ponto de inflexão para o capitalismo americano e mundial. Buscar-se-á analisar o cerne das principais transformações, sobretudo internas, ocorridas no país em seu processo de adaptação à uma economia de guerra, evidenciando como essas transformações irão permitir ao país cristalizar sua posição na ordem mundial, inclusive, desempenhando papel fundamental na construção desta.

Neste ensejo, será feito um corte analítico na Segunda Guerra Mundial em dois capítulos. O capítulo I abrange o período que vai do início da guerra até o final de 1941, neste período os Estados Unidos não entram na guerra efetivamente, mas apesar disto, graças à guerra e os esforços para auxílio dos Aliados no *front*, o ritmo de crescimento norte-americano retoma seu desempenho anterior à Grande Depressão de 1929. Já o capítulo II, abrange o período que vai da efetiva entrada dos Estados Unidos na guerra, até o fim desta, neste período a economia norte-americana dá um salto, transformando a economia mundial. O capítulo III, por sua vez, busca analisar os principais legados deixados pela guerra no seio da sociedade americana, e seu papel na construção do momento ímpar para o país, que se inicia com a guerra.

Mas para alcançar este ápice no presente trabalho, torna-se-á inicialmente necessário acrescentar à discussão dois elementos fundamentais, a Grande Depressão de 1929 e o *New Deal* - política que marcará o primeiro momento do governo Roosevelt - estabelecendo as sinergias existentes entre estas e a Segunda Guerra Mundial, pois, parafraseando Maquiavel (2008. p.6), “... uma mudança sempre deixa preparadas as fundações para a edificação da outra”.

Assumindo a presidência em 1933, no que seria o primeiro de quatro mandatos consecutivos, Franklin Delano Roosevelt inaugura um momento ímpar na historiografia americana, e mundial, com sua plataforma do *New Deal*, um pacto, ato, com o povo norte-americano visando reerguer o país da Grande Depressão.

Dois princípios indicarão o caminho sob o qual se guiarão as políticas do *New Deal*, o primeiro residindo em que o coração do programa de recuperação, segundo Roosevelt, deveria ser doméstico, e o segundo, de que a maior tarefa do governo seria a promoção de um grande número de empregos, através de um grande esforço na realização de obras públicas.

Os novos padrões de produção de uma sobrepujante indústria de bens duráveis e indústria do lazer vinham a ditar um novo padrão de consumo, que exigia em grande medida, como elemento central de formação da demanda, o salário recebido pelo trabalhador americano. “Os novos produtos e estilo de vida exigiam níveis de renda elevados e em expansão, e um alto grau de confiança no futuro, para difundirem-se rapidamente.”. (ROSTOW, 1978 Apud HOBSBAWN, 2008. p.105)

Assim, duas das principais armas para solapar as forças da depressão seriam o *Agricultural Adjustment Act* (AAA), que tinha como objetivo central elevar a remuneração do setor agrícola por meio da redução da produção, e o *National Industrial Recovery Act* (NIRA), que tinha por objetivo estabelecer códigos de competição entre empresas de um mesmo ramo, buscando uma redistribuição mais equitativa dos salários entre empregadores e empregados, possibilitando a elevação do consumo por parte dos trabalhadores. Por meio destas medidas, funções anteriormente determinadas pela concorrência de mercado, seriam, agora, planejados e regulamentadas no interesse público.

Um vasto sistema de regulamentação econômica tinha início, se opondo às “forças nefastas do livre mercado”, nas palavras do presidente:

“Men may differ as to the particular form of governmental activity with respect to industry and business, but nearly all are agreed that private enterprise in times such as these cannot be left without assistance and without reasonable safeguards lest it destroy not only itself but also our processes of civilization.” (ROOSEVELT, *Fireside Chat*, September 30, 1934)

Mas os dois principais elementos do *New Deal* não atingiriam os efeitos desejados. O AAA não obterá o equilíbrio entre as rendas agrícola e industrial, embora consiga uma inicial elevação da renda agrícola a partir de sua efetivação, (salta para US\$ 2,6 bilhões, tendo como pontos mais altos os resultados de US\$ 5,3 bilhões em 1935 e US\$ 6,0 bilhões em 1937) estabilizar-se-á em um nível de US\$ 4,4 bilhões, valor semelhante ao registrado em 1930. (BARREIROS, 2007. p. 20-21)

Mas apesar disto, o AAA deu origem a uma elevada concentração de propriedade e o aumento da produtividade, o que corroborou para a manutenção dos níveis de produção e não sua redução, embora de crucial importância com o advento da Segunda Guerra Mundial, a intensificação de capital na agricultura fugia dos ideais preconizados pelo presidente Roosevelt. Em 1935, as propriedades com mais de 1.000 acres eram 1.3%, mas estes 1.3% representavam 29% de todas as terras agrícolas exploradas.

Pelos próprios meios de que dispunha e seus objetivos almejados, o NIRA, desde sua formação, estava condenado ao fracasso. No início, grandes divergências

surgiam resultante do fato de que qualquer grupo de empresários que se considerassem apropriado de chamar-se indústria, eram tratados como tal. Logo uma grande burocracia adviria de surgir, impedindo que os ideais regulatórios se efetivassem. O governo se deparava também com o fato de não dispor de muito mais informações sobre o funcionamento da indústria do que tinha durante a Primeira Guerra Mundial, “não existia um corpo de funcionários treinados e com experiência na regulação ou planejamento da indústria visando um ‘interesse público’.” (SKOCPOL, Theda e FINEGOLD, Kenneth 1982. p.265)

Um elevado nível de capacidade produtiva ociosa permanecia: fábricas de equipamento pesado, equipamentos de construção, plantas de geração de energia, caminhões, locomotivas... A média de utilização das instalações perfazia um total na época de cerca de quarenta horas semanais. No total, metade da capacidade produtiva permanecia assim sem ser utilizada

Em outro ponto, a formação de *company unions* se tornou a estratégia dominante das grandes corporações; organizados pelas próprias corporações, estes sindicatos permitiam que apenas empregados na planta fossem representantes dos trabalhadores nas negociações coletivas, em tais negociações a balança sempre pendia ao lado do empresariado .

O NIRA seria considerado inconstitucional em 1935, sem ter alcançado o grau de colaboração entre a administração empresarial e os empregados industriais como almejado. O colapso do NIRA deixaria profundas marcas, o ideal de uma coordenação global das empresas foi quebrado, cujas conseqüências nefastas reverberarão durante a Segunda Guerra Mundial, a ausência de uma cooperação e uma maior confiança nas ações do governo dificultará uma rápida conversão da indústria para os padrões de produção de guerra. Apenas com o tempo o número de trabalhadores associados aos sindicatos cresceria, atingindo o ápice durante a guerra.

No campo da política monetária a revolução Roosevelt se fará sentir rompendo com o *Gold Standard Act* de 1900¹. “Quando saiu do padrão ouro, o sistema do *Federal Reserve* ainda tinha quase dois bilhões e setecentos milhões de dólares em ouro, que foi um quarto do estoque de ouro monetário de todo o mundo” (ANGELL, 1934 p.487), a taxa de reserva de ouro dos bancos ainda estava em 45,6 %, bem acima do mínimo legal, configurando uma escolha de estratégia ativa de combate dos próprios *New Dealers*.

Sair do padrão-ouro foi fundamental porque permitiu que o governo federal pudesse financiar os déficits orçamentários, sem com isso elevar as taxas de juros. A

¹ A Inglaterra abandonaria o padrão ouro em 1931, era o fim do padrão monetário ditado pela antiga potência, e a sinalização de um novo padrão a surgir sob a égide norte-americana.

inflação controlada tornou-se uma resposta aceitável para o dilema do crescente desemprego.

O estoque monetário de ouro duplicou entre dezembro de 1933 e julho de 1934 e aumentou a uma taxa média anual de quase 15% entre dezembro de 1934 a dezembro de 1941 (ROMER, 1992. p.773). Grande parte deste afluxo de ouro se deveu à deterioração da situação política internacional na Europa onde a Segunda Guerra Mundial fazia seus estragos, tornando os EUA um porto mais seguro e pródigo para a aplicação de capital.

No âmbito do amparo imediato à população mais uma vez notar-se-á uma profusão de inovações lançadas pelo governo Roosevelt, uma depressão profunda exigia amplos gastos de “salvamento” antes de um processo de recuperação e expansão como o propiciado pela guerra. Desde o princípio o governo se empenhou em um massivo programa de obras públicas.

O *Administration Federal Emergency Relief* (FERA), criado em 1931, teve orçamento inicial de US\$ 500 milhões para o socorro federal. Metade foi para os Estados em apoio a políticas locais e a outra metade, US\$ 250 milhões, foram distribuídos em função das necessidades do momento.

O *Civil Conservation Corps* (CCC), criado em 1933, surgiu com a promessa de dar a 250 mil jovens americanos refeições, uniforme, alojamento, e um fonte de renda através do trabalho. Seus voluntários plantaram cerca de 3 bilhões de árvores para ajudar a reflorestar a América, construíram mais de 800 parques de âmbito nacional que viria a ser o início da maioria dos parques estaduais, desenvolveram métodos de combate a incêndios florestais e uma rede de milhares de quilômetros de vias públicas. Devido ao trabalho pesado, criou-se um programa de melhora do condicionamento físico destes jovens, essencial quando alguns deles iriam lutar na guerra.

O *Public Works Administration* (PWA) criado no âmbito do NIRA, permitiu construir estradas e escolas, tribunais e hospitais. Construíram a Ponte Triborough e o Túnel Lincoln, o Aeroporto La Guardia, em Nova York, o Skyline Drive, na Virgínia, e a Estrada exterior da Florida Keys, assim como o San Francisco-Oakland Bay Bridge na Califórnia e, utilizando recursos provenientes da dotação original do PWA em 1933, o porta-aviões Yorktown e o Enterprise em Newport News e o cruzador Vincennes no estaleiro Bethlehem Steel em Quincy, Massachusetts.

Criado no âmbito do programa FERA, o *Civil Works Administration* (CWA), criado em 1933, em seus três meses e meio de existência, obteria resultados memoráveis, com 40 mil escolas construídas ou ampliadas. 3,5 milhões de metros de canos de esgotos instalados. 469 aeroportos construídos e 529 ampliados; 400 mil quilômetros de estradas construídas ou refeitas; 50 mil professores contratados para ensinar a adultos ou manter abertas escolas rurais; 3700 praças de lazer ou campos de

atletismo construídos ou reparados, tudo isso totalizando mais de 4 milhões de pessoas empregadas.

O *Work Progress Administration* (WPA), criado em 1935, empregou mais de três milhões de pessoas em seu primeiro ano e em oito anos de sua existência, colocou 8,5 milhões de pessoas para trabalhar com um custo total de cerca de 11 bilhões de dólares. Os trabalhadores da WPA construíram meio milhão de quilômetros de rodovias e cerca de cem mil pontes e, como muitos edifícios públicos, ergueram o Dock Street Theater em Charleston e o Timberline Lodge nas encostas do Oregon Mont Hood, e criaram cerca de oito mil parques.

Todo este efetivo de obras², destacadamente, pontes, estradas e aeroportos, desempenharão papel fundamental na logística inerente a uma guerra total como evidenciado posteriormente, auxiliando no escoamento da produção e incrementando a mobilidade de homens e máquinas.

Mais tarde em 1938, através de estudos do general George C. Marshall, verificou-se que a WPA juntamente com a PWA haviam gastos, em conjunto, cerca de 250 milhões de dólares em projetos do Departamento da Guerra, uma quantia pequena, mas que não estava muito longe da média anual das despesas do departamento nos 15 anos anteriores. (SHERWOOD, 1998. p.94)

Tão importante quanto, tais programas permitiram o conhecimento das aspirações, necessidades e capacidades do cidadão norte-americano, que seria convocado no período da guerra a assumir importantes responsabilidades.

Mas a batalha ainda não estava resolvida no campo social, apesar de lançado o Social Security Act, seu programa encontrou muitos obstáculos. Dependente das determinações de cada estado para sua efetivação, em 1938, 23 estados ainda não tinham nenhuma legislação sobre salário mínimo, 30 não possuíam limites legais a uma jornada de trabalho superior a oito horas, 18 possuíam jornadas semanais legais superiores a 48 horas e oito não possuíam qualquer tipo de limite para a jornada de trabalho (LIMONCIC, 2009. p. 99) De fato, será com a guerra que a cobertura iria se expandir, mas apenas na década de 50, após a guerra, o seguro se abrangerá aos trabalhadores agrícolas e domésticos, se aproximando mais de uma cobertura plena como idealizada por Roosevelt.

Apesar dos esforços, o desemprego continuaria extremamente alto, atingindo quase 25% da força de trabalho norte-americana em seu pico, mesmo no ano menos

² Para maiores detalhes sobre os programas de auxílio ver: (SHERWOOD, 1998) e (KENNEDY, 1999).

catastrófico, em 1937, as políticas do *New Deal* ainda deixavam 14.3% da força de trabalho sem emprego.

O PIB americano ainda se encontraria distante de seus níveis pré-depressão, atingindo a marca de 86 bilhões de dólares em 1938, em oposição aos 103 bilhões registrados no ano de 1929.

Em mensagem anual ao congresso, em 1939, às vésperas da guerra, Roosevelt declarava:

“Our nation's program of social and economic reform is therefore a part of defense, as basic as armaments themselves. [...] We have our difficulties, true—but we are a wiser and a tougher nation than we were in 1929, or in 1932.”
(ROOSEVELT, *Annual Message to Congress*. January 4, 1939)

Se as políticas do *New Deal*, por um lado, permitiram a amenização da catastrófica situação perpetrada pela Grande Depressão e uma vitória ímpar das políticas econômicas heterodoxas; por outro lado, a recuperação, seguida da aceleração do crescimento econômico norte-americano, só viria com a Segunda Guerra Mundial. “A Grande Depressão da década de 1930 não terminou jamais. Apenas desapareceu na grande mobilização da década de 1940.” (GALBRAITH, 2008. p.60).

Este seria o cenário deixado pelo *New Deal*, o cenário construído durante a primeira parte do governo Roosevelt. É chegado o momento de confrontar este cenário com o período da Segunda Guerra Mundial, a segunda parte do governo Roosevelt, analisando os pontos de continuação e ruptura entre elas.

CAPÍTULO I - DA NEUTRALIDADE AO *LEND-LEASE*: OS ESTADOS UNIDOS ASSUMEM SUA POSIÇÃO.

A Segunda Guerra Mundial pode ser segmentada em dois períodos para melhor análise, o período que vai do início do conflito em 1939 até o ataque a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, e o segundo período que compreende o período que vai do final de 1941 até o término do conflito em 1945. O primeiro é marcado pelos embates sobre a Neutralidade e o *Lend-Lease*. O segundo trata-se do período em que os efetivos militares americanos vão rumo à Europa.

No período de setembro de 1939 até o ataque japonês a Pearl Harbor em dezembro de 1941, os Estados Unidos construíram suas defesas para enfrentar a guerra na Europa; os conflitos internos seriam, aos poucos, solucionados, a fim de que o país rompesse as amarras de seu isolacionismo secular e assumisse o novo papel que a nação desempenharia na ordem mundial. Mas não apenas isso, recuperaria sua economia, superando os padrões anteriores à Grande Depressão, algo não realizado pelo *New Deal*, revelando que o gigante voltava a despertar.

Na seção I.1. será tratada a conjuntura internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial; na seção I.2. será tratada a conjuntura política interna, e o início das conversões para a guerra; na seção I.3. é tratado o passo fundamental para o novo posicionamento em relação à ordem global que dos Estados Unidos através do *Lend-Lease* e na seção I.4. é feito um aparato geral do desenrolar da guerra em nível também internacional, a formação de alianças e o jogo político envolvido.

“In modern war the great expense of firearms gives an evident advantage to the nation which can best afford that expense; and consequently to an opulent and civilized over a poor and barbarous nation”

Adam Smith,

The Wealth of Nations, 1776

I.1. – O INÍCIO DO CONFLITO

A imposição de uma paz punitiva à Alemanha na Primeira Guerra Mundial, responsabilizada pela guerra - e que constituía a única forma dos países europeus de saudarem seus débitos com o novo continente - juntamente com as aspirações e necessidades de um novo período do capitalismo mundial, não saciadas pela guerra, deixavam à espreita o renascimento de um novo conflito na Europa.

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial um grande vazio se colocava no comando das diretrizes políticas internacionais. O poderío inglês entrara em declínio, enquanto isso, no longínquo continente americano, o país que se erguia da guerra como seu principal beneficiado, ainda se prenderia às amarras do isolacionismo por mais duas décadas.

A Grande Depressão veio a mostrar a ineficácia dessa política, uma crise que se difundiu por todo o globo viria evidenciar o elevado grau de interdependência entre as nações. O mais grave colapso econômico da história do país, forçaria o cidadão americano a questionar suas crenças, seus valores tradicionais e seus princípios organizacionais, novas maneiras de pensar o mundo surgiam, como o *New Deal* mostrara, conclamando o surgimento de uma nova mentalidade, mais adaptada aos novos tempos.

Pelo mundo, enquanto no pior ano da Grande Depressão, 1933, quando quase um quarto da força de trabalho norte-americana se encontrava desempregada, na Alemanha os números registravam algo em torno de 15% de desempregados e no Reino Unido, 14%. Os principais artífices da Segunda Guerra Mundial, cada qual a sua maneira, conseguiriam superar a Grande Depressão com mais rapidez que a economia americana, esse fato pode ser exemplificado pelo gráfico da produção industrial a seguir, onde, à exceção da França, as demais nações já em 1937 tinham recuperado seus níveis pré-depressão.

Tabela 1: Movimento da produção industrial pelo mundo, 1929 – 1937 (%)

	1929-32	1932-37	1929-37
Japão	-2	74.4	71
Reino Unido	-17	49.3	24
Alemanha	-42	100.0	16
Itália	-33	49.2	-
França	-31	4.3	-28

Fonte: FREEMAN; LOUÇÃ, 2005. p.279

Mas apesar de debilitada, a economia americana, era, ainda assim, de proporções colossais. Em 1938 a renda nacional nos Estados Unidos era quase o dobro da renda nacional combinada da Alemanha, Itália e Japão. Nas minas de carvão, eram extraídas da terra quase duas vezes a tonelagem da produção alemã. Em uma guerra motorizada, os Estados Unidos já possuíam uma produção de 4.8 milhões de automóveis em 1937, enquanto no mesmo ano, na Alemanha seriam produzidos 331 mil veículos, e no Japão, menos de 26 mil. (KENNEDY, 1999)

Em 1939 uma nova página da história começa a ser virada.

No início da guerra, os Estados Unidos se encontravam em uma posição secundária no aparato militar. Com um exército de 150 mil homens, estaria apenas na 16º posição mundial entre as potências militares, seu armamento era decadente e ultrapassado:

“the Army had on hand 900.000 Springfield rifles from World War I and 1.200.000 British Enfields, all obsolete, and only 50.000.00 pounds (not tons) of fresh powder and 48.000.000 pounds left over from WWI.” (GROPMANN, 1996. p.7)

Uma grande mudança, no entanto, notar-se-ia entre as políticas econômicas do *New Deal* e as políticas da administração na guerra. Enquanto o *New Deal* se voltara como principal objetivo a segurança e estabilidade social e econômica, o objetivo principal durante a guerra era a produção, a expansão cada vez mais da produção e não a estabilidade. O resultado foi uma maior atuação do governo, mas ao mesmo tempo a criação de um clima de negócios muito superior aos tempos do *New Deal*.

Quando da ascensão de Hitler ao poder, e de seus primeiros avanços militares, logo a fragilidade européia se faria sentir. Os franceses escondidos atrás da Linha Maginot, e os ingleses presos à vacuidade impassível e rigidamente defensiva não eram páreos à velocidade da Wehrmacht³ alemã de uma guerra moderna. Uma guerra mecanizada, uma guerra de produção em massa, uma guerra em que as esperanças dos Aliados e o futuro da democracia mundial, dependeriam, em grande medida, da enorme força econômica de uma única nação. Para isso faltava uma única coisa: ação.

³ O termo designa o conjunto das forças de guerra da Alemanha a partir de 1935, compreendendo o Heer (o Exército), a Kriegsmarine (a Marinha) e a Luftwaffe (a Aeronáutica).

I.2. A NEUTRALIDADE

“But there are those who wishfully insist, in innocence or ignorance or both, that the United States of America as a self-contained unit can live happily and prosperously, its future secure, inside a high wall of isolation while, outside, the rest of Civilization and the commerce and culture of mankind are shattered.”
(ROOSEVELT, Annual Message to the Congress, January 3, 1940.)

Se o *New Deal* representava uma profunda ruptura com o pensamento ortodoxo, com propostas ousadas e inovadoras, sinalizando novos tempos, já foi visto que nem toda a sociedade acompanhava tal ritmo de mudança, o dinamismo político não era virtude de todos, com a guerra não seria diferente como elucidado no trecho acima.

Iniciada a guerra, a principal estratégia norte-americana baseava-se ainda em sua Lei de Neutralidade. A corrente isolacionista, manifesta nas determinações de um Congresso em grande medida composto por experientes conservadores, ainda acreditaria que o melhor movimento em uma guerra é o de não se mover, evitando-a.

Na Europa, as rivalidades entre os Estados acentuavam-se à tempos. A ascensão ao poder do partido fascista de Benito Mussolini na Itália em 1922 e do nazismo de Adolf Hitler na Alemanha, 11 anos depois, desestabilizavam e destruíam a ordem européia elaborada após a Primeira Guerra Mundial. Na Ásia, o Japão adotara uma postura hostil, começando a expansão de seu império, com a ocupação da Manchúria em setembro de 1931 e a invasão da China em 1937. Em setembro de 1939 a Alemanha invadiria a Polônia, com esta agressão a Inglaterra e a França declarariam guerra, imediatamente, na América, os Estados Unidos declarariam sua neutralidade.

Como afirmaria o senador Arthur Vandenberg, em um discurso em um Comício republicano em Grand Rapids, Michigan, em 17 de setembro de 1939 e que representava um dos argumentos isolacionistas:

“The last war cost us 40,000 American boys killed in action, 192,000 wounded, 76,000 who died of disease, 350,000 who now deserve and receive disability allowances. It cost us \$40,000,000,000. Our erstwhile allies still owe us \$18,000,000,000 twenty-five years later, and all but Finland have given up any pretense of payment. We did not ‘make the world safe for democracy.’... Our supreme obligation to democracy and to civilization is here in our own United States of America and in the Western World.” (SCHNEIDER e SCHNEIDER, 2003. p.3)

O sentimento de traição ainda vigorava no pensamento do cidadão comum, os Estados Unidos não deveriam mais entrar em guerras que não eram suas. Mas aos poucos essa imobilidade se tornaria perigosa. Na Europa, a França seria invadida em

maio de 1940 - depois da Wehrmacht alemã cobrir 240 quilômetros em dez dias - e seria fragorosamente derrotada. A Inglaterra se encontraria sem meios a não ser defensivos.

A retirada bem sucedida dos soldados em Dunquerque seria um prenúncio. Último porto Aliado ainda aberto na França - quando as forças alemãs em um golpe fulminante forçaram o exército francês à derrocada - com o resgate de 338.000 soldados (incluindo mais de 100.000 franceses), seria obscurecida pelo fato de todo o equipamento ter sido deixado para trás, incluindo noventa mil fuzis, sete mil toneladas de munição, e 120.000 veículos, perda que levaria meses até ser reposta. A guerra de materiais começava a mostrar seus efeitos, como diria o general Marshall anos depois: *“we could replace troops whereas a heavy loss in shipping ... might completely destroy any opportunity for successful operations against the enemy in the near future.”* (KENNEDY, 1999. p.585)

Os sucessos do avanço da blitzkrieg⁴ alemã entre 1939 e 1941 com perdas mínimas: 10 mil na Polônia, 27 mil na França, 151 na Iugoslávia, 2,5 na Grécia e em Creta, reverberariam em um clima de incerteza em relação à segurança do país. Acompanhando o avanço, um vasto rastro de destruição, refletido na morte de milhões de pessoas e na ruína das estruturas produtivas dos países invadido. Os versos de um poema do imperador Meiji, citados por seu neto, o imperador Hiroito em uma reunião de gabinete em 1941, antes do ataque a Pearl Harbor, se aplicariam aqui: “todos os oceanos do mundo se comunicam e as tempestades passam de um mar para outro”. (MASSON, 2010. p.36)

A causa intervencionista aos poucos ganharia terreno em solo americano, com forte apelo do presidente Roosevelt, as forças tradicionais eram solapas, aos poucos a mentalidade do cidadão comum era modelada sobre a importância de um papel ativo por parte do país diante do medo causado pela poderosa máquina da morte alemã.

Com a capitulação francesa, garantir a sobrevivência da Inglaterra no palco da guerra tornar-se-ia o ponto nevrálgico de primeira defesa norte-americana.

Ao apoiar o esforço de guerra britânico, os Estados Unidos estavam ganhando o precioso tempo para construir sua própria força armada e sua indústria de defesa. Especialistas militares e civis começaram a viajar através do Atlântico trazendo ao país experiências na criação de novas armas e equipamentos. Mas muita discussão ainda surgiria desta relação simbiótica entre Inglaterra e Estados Unidos.

⁴ Termo alemão para guerra-relâmpago, consistindo em uma concentração esmagadora e em alta velocidade das forças mecanizadas de ataque, para atravessar as linhas inimigas ainda desorganizadas.

A primeira pesquisa de opinião, depois de iniciada a guerra, em setembro de 1939, revelaria o pensamento dominante do americano comum em relação à guerra.

Tabela 2.: Pesquisa Roper: Dentre as hipóteses abaixo, qual a que mais se aproxima da qual você acha que os Estados Unidos deveriam adotar a respeito da atual guerra européia?

	Sexo			Idade	
	Total	F	M	-40	+40
Entrar na guerra imediatamente ao lado dos aliados	2,5	3,6	1,3	2,1	2,8
Encontrar alguma maneira de apoiar a Alemanha	0,2	0,2	0,1	0,1	0,3
Não tomar partido e ficar inteiramente fora da guerra, mas vendendo a base do “pague e leve”	37,5	43,0	32,2	37,8	37,2
Não entrar na guerra, mas suprir os aliados com material bélico e alimentos, recusando qualquer coisa à Alemanha	8,9	9,0	8,7	8,8	9,0
Ficar de fora no momento, mas entrar na guerra ao lado dos aliados se ameaçadas de derrota; entretanto, auxiliá-las com alimentos e material bélico.	14,7	16,1	13,3	15,4	14,0
Não pender para nenhum dos beligerantes, nem mesmo comercializar com eles à base do “pague e leve”	29,9	23,6	36,1	29,9	29,9
Outros – pró-aliados	0,6	0,8	0,6	0,7	0,6
Outros – pró-Alemanha	-	-	-	-	-
Outros – neutro	1,8	1,8	1,9	1,5	2,2
Não sabem	3,9	1,9	5,8	3,7	4,0

Fonte: SHERWOOD, 1990. p.145.

Por esta época, pouca força tinha a causa intervencionista desejosa da entrada imediata na guerra, 2,5% o total. Evidencia-se também o tipo de apoio que os americanos comuns, estavam dispostos a oferecer.

O sistema do “pague e leve” seria o predominante em relação à Inglaterra no início do conflito. Até o momento em que as finanças inglesas exauriram-se por completo, inclusive com a apropriação dos recursos de ingleses no exterior, os Estados Unidos exigiriam o pagamento pelos produtos. O símbolo maior da decadência britânica e ascensão norte-americana.

As necessidades da Inglaterra seriam assim descritas por Churchill:

*“Immediate needs are: first of all, the loan of forty or fifty of your older destroyers. ... Secondly, we want several hundred of the latest types of aircraft. ... Thirdly, anti-aircraft equipment and ammunition. ... Fourthly, [we need] to purchase steel in the United States. This also applies to other materials. **We shall go on paying dollars for as long as we can, but I should like to feel reasonably sure that when we can pay no more, you will give us the stuff all the same.** Fifthly ..., the visit of a United*

States squadron to Irish ports, which might well be prolonged, would be invaluable. Sixthly, I am looking to you to keep that Japanese dog quiet in the Pacific.”(KENNEDY, 1999. p.445 grifo nosso)

Por essa época, créditos aos beligerantes eram absolutamente proibidos, os compradores de armas e munições tinham de fazer pagamento em dinheiro e as transferências só podiam se mover por navios estrangeiros. Mas logo a capacidade de pagamento se esgotariam e novos meios teriam de ser criados.

Uma ampla zona de “perigo” foi determinada pelo Congresso, proibindo o tráfego de navios mercantes americanos nessas regiões para evitar um incidente que precipitasse a guerra. Com o tempo as “patrulhas” navais americanas ampliariam aos poucos seu raio de ação, tornando-se mais próximas ao conflito e ao risco de tais incidentes.

Internamente, profundas modificações ocorriam para atender as novas demandas e necessidades de uma produção militar. A máquina de guerra americana começava a se formar.

Os planos de uma conversão rápida da indústria, para uma indústria de guerra, remontavam ao War Industries Board (WIB), criado em 1918, liderado pelo financista Bernard Baruch; a criação do *Army Industrial College* em 1924, sob autoridade direta do secretário da guerra, reunindo os principais líderes da indústria e do exército para providenciar instrução e auxílio aos membros responsáveis pela produção e abastecimento em período de guerra, propiciando o estudo em tempo integral dos principais aspectos industriais, econômicos, políticos e administrativos do país em uma guerra moderna (BEAVER, 1983. p.104); e, por fim, ao *Industrial Mobilization Plan* (IMP) de 1930, sob o comando do general Eisenhower, definido pelo exército como:

“Mobilization of industry for military purposes during a national emergency is the operation of adjusting peace time energy and industry to meet the essential requirements of national life, and the maximum requirements of military effort, with a minimum of disturbance of normal conditions.” (IRISH, 2006. p.33)

Nas palavras do próprio general Eisenhower:

“Modern war is fought between armed forces composed of men and materials which have been specially prepared for battle. Lacking such preparation, men and materials on the battlefield are useless, and preparation consumes an appreciable period of time. [Emphasis in the original]” (IRISH, 2006. p.36-37)

Não podia estar mais correto, a efetividade dos planos de preparação em casos de emergência mostraram-se, na prática, incompletos e desestruturados, 18 meses

seriam necessários para uma conversão total da indústria para a Segunda Guerra Mundial.

Em janeiro de 1939, o presidente Roosevelt já solicitara ao Congresso uma dotação especial no valor de US\$ 300 milhões de dólares para a construção de aeronaves, marcando, ainda que de forma discreta, o início de um programa de rearmamento. O orçamento de defesa em 1939 financiaria a construção de apenas 250 *B-17 Flying Fortress* (as fortalezas voadoras) criado em 1935 como o primeiro bombardeiro de longo alcance, vital para um país que travaria a maior parte das guerras em outros continentes. Em 1940, a dotação do orçamento de defesa americano seria de US\$1,3 bilhões, um aumento de 50% em relação ao orçamento de 1939.

Seguindo os esforços para a mobilização de guerra, foi criado pelo presidente Roosevelt em agosto de 1939 o War Resources Board (WRB), sob a presidência de Edward R. Stettinius Jr., um grupo consultivo destinado a elaborar planos de mobilização de materiais e trabalho, entre membros civis e militares, permitindo que o interrelacionamento entre os dois lados gerassem sinergias positivas para a consolidação das defesas do país.

Em 1940, o presidente da General Motors, William S. Knudsen criaria o *National Advisory Defense Committee* (NADC), com a intenção de converter a indústria automobilística para a produção de guerra, mas ela se daria lentamente... Um mês antes de Pearl Harbor, apenas 13 contratos do governo estavam sendo realizados pela indústria automobilística. *“the industry continued to resist conversion to war production”* (HEITMANN, 2009. p.119)

Em outro elemento estratégico para a guerra, a indústria do petróleo, o mesmo problema seria visto, *“The Administration's response to such problems was slow and haphazard”* (NASH, 1968. p.159), o Congresso relutava em grande medida em aumentar o controle do governo sobre a indústria do petróleo, que já havia se elevado durante o *New Deal*.

Somente com a nomeação de Ickes, figura marcante do *New Deal*, para a *Petroleum Coordinator for National Defense* (PCND), teria início uma maior coordenação na expansão da produção, mas o maior esforço ocorrerá após a entrada dos Estados Unidos na Guerra como se verá posteriormente.

Ao todo, naquele momento, cerca de 35 agências já haviam sido criadas para mobilizar e organizar o país durante a guerra.

Em agosto de 1940, o Congresso finalmente promulgou o *Selective Service Law*, estipulando a idade mínima de 21 anos para os homens no recrutamento para a guerra. Mas o sentimento da nação ainda não estava longe desta. Pesquisas realizadas no

outono constataram que 90% da população se opunha a participação americana na guerra.

Na votação para renovar o *Selective Service Act* no Congresso em agosto de 1941, a lei passaria por um voto – 203 contra 202 – como comentaria um homem britânico:

“The Americans are curious people. I can’t make them out. One Day they’re announcing the’ll guarantee freedom and fair play for everybody everywhere in the world. The next day they’re deciding by one vote that they’ll go on having an army”. (CARDOZIER, 1993. p.2)

Os primeiros recrutas do exército americano enfrentavam muitas dificuldades, dentre elas, a falta de armamentos para treinos. *“Those troops on maneuvers in 1939 and 1940 used broomsticks to simulate rifles and trucks to represent tanks”* (GROPMAN, 1996. p.3). Enfrentavam também a falta de instalações físicas, era necessário tempo para sua construção e efetiva utilização.

No campo das máquinas da guerra, literalmente, muitas dificuldades também eram vistas. O Tanque *Sherman* é ilustrativo dessa debilidade no período. Seria concebido às pressas para ajudar os Aliados, mas faltava-lhe ainda armadura adequada para enfrentar os tanques alemães, tornando-se vítima fácil das divisões Panzer alemãs.

Um núcleo comunitário de membros civis com alta graduação educacional também começara a se organizar, sob o comando do *American Council Education* (ACE), em agosto de 1940 uma convenção com representantes de 55 organizações educacionais se reuniu para discutir a situação da defesa nacional e o papel da educação nela. Em 1941, uma conferência em Washington com o tema *“Organizing Higher Education for National Defense”* reuniria 500 pessoas, representando 370 colégios e universidades de 40 estados. (CARDOZIER, 1993. p.5) Educação civil e forças militares, caminhando lado a lado em busca da vitória.

Até o final de 1941, 700.000 pessoas receberiam treinamento especial realizado pelo governo para adaptar suas habilidades para as necessidades de um novo padrão de trabalho nas indústrias. (FRASER, 1971. p.15)

Nesta guerra, mais que nunca, o tempo se tornaria o mais valioso dos bens militares. A velocidade da guerra era refletida na blitzkrieg alemã, causando medo e espanto aos aliados.

Na União Soviética, sob os planos quinquenais, uma elevada produção de armamentos (embora de qualidade duvidosa) se iniciara há muito tempo. O

rearmamento alemão como uma das soluções para tirar o país da Grande Depressão dos anos 30 também progredia.

Em seu Fireside Chat, o presidente Roosevelt revelou à nação um inicial processo de rearmamento ocorrido durante o período do *New Deal*.

“But between 1933 and this year, 1940—seven fiscal years—your Government will have spent one billion four hundred eighty-seven million dollars more than it spent on the Navy during the seven years that preceded 1933.

Between 1933 and 1940—these past seven fiscal years—your Government will have spent \$1,292,000,000 more than it spent on the Army the previous seven years.

There are many other items in which our progress since 1933 has been rapid. And the great proportion of this advance consists of really modern equipment.”(ROOSEVELT, FIRESIDE CHAT, May 26, 1940)

Mas tais números ainda estariam distantes da colossal produção americana necessária em tempos de guerra. Através de contratos engendrados pelo governo, as empresas eram convocadas à recuperar o tempo perdido.

Em 1940, cerca de 175 mil empresas eram responsáveis por 70% da produção industrial do país, sendo os outros 30% produzidos por 100 outras empresas. Muitos se apresentavam na esperança de finalmente colocar suas fábricas em atividade.

Mas esses números logo se inverteriam, o governo optaria por uma produção centralizada, calcada em um número pequeno de grandes empresas. As grandes corporações se tornariam a principal escolha por possuírem uma produção mais confiável e padronizada que a das pequenas empresas, além de uma maior capacidade de produção e a maior facilidade no trato de questões econômicas e políticas com seus líderes do que com agentes pulverizados. As grandes corporações voltavam à cena, assumindo seus papéis no cenário da guerra.

Desta forma, já por volta de 1943, como se verá posteriormente, em um período de alta produção, as 100 maiores empresas do país seriam responsáveis por mais de 70% dos contratos com o governo, restando apenas 30% para as demais. O padrão de contratação intensificou as tendências de formação de oligopólios. Deduzidos os impostos, o lucro dessas empresas passaria de US\$ 6,4 bilhões em 1940 para quase US\$ 11 bilhões em 1944.

Nada disso perturbava as autoridades militares, como Henry Stimson, chefe do departamento de guerra, diria:

“If you are going to try to go to war, or to prepare for war, in a capitalist country,’ Henry Stimson reflected, ‘you have got to let business make money out of the process or business won’t work.’ Robert Patterson brushed aside criticism of the War Department’s pro-big business policies with the bland statement that ‘we had to take industrial America as we found it.’ (KENNEDY, 1999. p.622)

O governo estabeleceu contratos nos quais se comprometia a arcar com os custos incorridos, bem como uma quantia fixa paga como estímulo à conversão da indústria e o cumprimento dos contratos. Impostos sobre o lucro, adotados durante o *New Deal*, deixariam de existir, foram restituídos às empresas. A livre iniciativa ganhava mais uma vez terreno.

Aprovada em 1940, a nova legislação tributária, já em 1941, permitiu ao governo arrecadar 8.7 bilhões de dólares, começando a alimentar os motores da economia de guerra americana, fornecendo um modelo para as demais políticas de guerra, através de incentivos e subsídios à produção, não apenas com coerção. Seriam concedidas isenções antitruste, o que faria o poder das grandes corporações se elevar ainda mais.

Em setembro de 1940, o presidente Roosevelt anunciou a transferência de 50 destróiers obsoletos à Grã-Bretanha, em troca de concessões de 99 em bases navais e aéreas no caribe e Malvinas. Um importante passo para a entrada na guerra.

Em seu *Fireside Chat* de dezembro de 1940, o presidente Roosevelt difundiria um dos temas mais utilizados durante a guerra, a dos Estados Unidos como o “arsenal da democracia”.

“We must be the great arsenal of democracy. For us this is an emergency as serious as war itself. We must apply ourselves to our task with the same resolution, the same sense of urgency, the same spirit of patriotism and sacrifice as we would show were we at war”. (ROOSEVELT, FIRESIDE CHAT, December 29, 1940)

Com esse pronunciamento os Estados Unidos assumiam o comando da indústria mundial da guerra.

Se o país começaria a agir como o “Arsenal da Democracia”, em seguida, seria necessário trabalho em cooperação para atender as novas demandas. *“What made the second world war different from any other was that it would be fought and won by the might of labor and industrial production”.*(RENSHAW, 1986. p.8)

Apesar do controle do governo sobre a produção ter aumentado durante a guerra, a livre iniciativa também ganhava terreno, a relação entre empresariado e trabalho organizado tornava-se assim essencial para o cumprimento do programa de guerra.

Em 1940, a AFL já possuía pelo menos 10 sindicatos industriais, com mais de 800 mil filiados, e 27 semi-industriais, com mais de 600 mil filiados, em um universo total de cerca de 5 milhões de membros. (LIMONCIC, 2009. p.203,204)

Em 1941, a indústria automotiva estava praticamente toda coberta por contratos coletivos. Por força destes, o salário médio dos trabalhadores automotivos subiu 17% entre junho de 1940 e novembro de 1941. (LIMONCIC, 2009. p.233)

Embora o sentimento isolacionista ainda persistisse, como na afirmação durante os debates sobre o *Lend-Lease* do piloto Charles Lindbergh, que havia inspecionado as construções militares alemãs pessoalmente:

“We are strong enough in this nation and in this hemisphere to maintain our own way of life, regardless of ... the attitude ... on the other side. I do not believe we are strong enough to impose our way of life on Europe and on Asia.” (SCHNEIDER e SCHNEIDER, 2003. p.4)

O cenário começava a mudar. Os Estados Unidos estavam prontos para um novo passo, rumo ao poder global.

I.3. - O LEND-LEASE

O decisivo passo para a criação do novo cenário mundial se daria com a aprovação do *Lend-Lease*, em 11 de março de 1941 - instrumento baseado no “pague e leve”, já utilizado em outra escala durante a Primeira Guerra Mundial - a ação finalmente começava, apesar de indiretamente.

O *Lend-Lease* não envolveria apenas material bélico, mas também a construção de uma marinha mercante, de veículos, de produção de alimentos e combustível, além de uma profunda mudança no equipamento industrial.

Aprovado pelo Congresso, o *Lend-Lease* disporia de uma verba inicial de US\$ 7 bilhões de dólares, que ao tempo da rendição do Japão, ultrapassaria um total de US\$ 60 bilhões. No entanto:

“havia 7 bilhões de dólares para serem gastos, mas as armas que deveriam comprar não estavam saindo das linhas de montagem com a rapidez desejada e não havia navios em número suficiente para transportar para além-mar nem sequer as unidades produzidas.” (SHERWOOD, 1998, p. 301)

Uma miscelânea de conflitos ressurgiu, como nos tempos do NIRA, entre o ideal de cooperação preconizado pelo governo e o poder das grandes corporações. Apesar da infra-estrutura criada durante o *New Deal* e os IMP's, ainda se carecia de uma administração preparada exclusivamente para guerra.

Alguns líderes industriais (como Henry Ford), eram grandes defensores do isolacionismo, se opondo à conversão da indústria de bens de consumo para uma indústria de guerra. Outro fator a jogar contra os ideais do governo residia nas expectativas do empresariado em geral, temeroso de incorrer em uma elevada produção e não encontrar demanda para tal, no caso de uma guerra de curta duração por exemplo.

A conversão para uma indústria militar exigia a contratação de novos designers e engenheiros, reequipamento de materiais específicos e reconversão profissional dos trabalhadores, desviando-se das metas pré-estabelecidas de bens não-militares. "*Labor is not the only factor needed to produce these goods. Necessary also are raw materials, plants, equipment, and management*". (FRASER, 1971. p.16) Novas plantas eram necessárias ser construídas, e isso, obviamente, demandava tempo.

Grande parte da confusão que reinava na produção também se devia à infundável disputa entre a produção de uma guerra total e a de uma economia civil. Como afirmaria um observador militar americano

"De qualquer modo, se entrarmos na guerra, espero que não seja um negócio à prestações. Guerra total exige que se empenhe de uma vez todo o disponível – militar, naval, aéreo, econômico, moral, até o fogão da cozinha – e tudo isso seguido do resto, à medida que for possível liberá-lo" (SHERWOOD, 1998. p.324.)

Mas tal cenário jamais se concretizaria, apesar de restrições ao consumo como se analisará posteriormente, o cidadão norte-americano viveria um clima de relativa satisfação.

Meses depois de ser implantado, o *Lend-Lease* se expandiria para suprir a União Soviética e a China, no final, mais de 40 países estariam desfrutando deste programa. A expansão a essas duas nações inaugura um novo passo na produção americana, que terá que aumentar significativamente não só para atendê-las juntamente com a Inglaterra, mas também devido às enormes perdas resultantes dos caminhos utilizados para supri-las, a China pela estrada da Birmânia e a Rússia via Murmansk.

Em 1940, 5.434 navios chegaram ao porto britânico, com 133 afundados. Em 1941, 12.057 barcos aportaram, e 153 se perderam. (KEEGAN, 2003. p.291)

Depois da Inglaterra, a União Soviética seria a maior beneficiada pelo *Lend-Lease*, receberia 10 mil blindados e 20 mil aviões, quantia pequena perto da fabricação da indústria nacional, no entanto, o principal auxílio se daria por outras vias:

Tabela 3.: Equipamentos enviados à Rússia durante o *Lend-Lease*

700.000 caminhões	5.000 aparelhos de radar	26.600 ton de níquel
46.000 jipes	2.500.000 ton de produtos refinados	1.200.000 ton de aços especiais
245.000 telefones	5.500.000 ton de alimentos	220.000 ton de cobre
1.200.000 km de fios telefônicos	23.000.000 de metros de tecidos	170000 ton de alumínio
2.000 locomotivas	18.000.000 pares de botas	48.000 ton de chumbo
10.000 vagões	500.000 ton de combustível	29.000 ton de zinco
3.800.000 pneus	100.000 ton de borracha	29.000 ton de estanho

*Fonte: Tabela elaborada pelo autor com dados de (MASSON, 2010)

*ton = toneladas

O *Lend-Lease* elevaria o nível de produção das principais indústrias americanas a patamares nunca antes vistos, reativando a economia que pela primeira vez se recuperava das marcas da Grande Depressão. A demanda foi elevada a níveis extratossféricos, com a certeza de venda de seus produtos, todas as fábricas foram reativadas, e todos os trabalhadores encontrariam emprego, de fato, agora o tempo de trabalho de cada trabalhador aumentaria, assim como seu salário. Necessidades ilimitadas, de praticamente tudo que se podia produzir, de carne à meias, mas, acima de tudo, a necessidade ilimitada nos principais setores que conduziram a economia norte-americana antes da Grande Depressão, a indústria de bens duráveis, permitiria o soerguimento da economia americana a seus níveis passados e engendrariam o princípio de sua ascensão à dominação econômica mundial, agora em uma nova configuração

Ele também se tornou o maior símbolo do poder norte-americano em sua relação com os demais países. Os aliados, dependentes do apoio fornecido pelos Estados Unidos, acabavam por ceder às determinações de Roosevelt. Tal como a Grã-Bretanha em sua fase áurea utilizava sua supremacia industrial e financeira para subsidiar as economias aliadas, agora os Estados Unidos subsidiavam seus aliados através do *Lend-Lease*.

Outro aspecto fundamental reside no nível de desemprego, que caíra, pela primeira vez desde a Grande Depressão, abaixo do nível de 10% da força de trabalho, algo que o *New Deal* não conseguira realizar (Ver Tabela 7).

Tabela 4: Índice de produção industrial em 1939 (1935-39 = 100)

1939		Jan	Feb	Mar	Apr	May	Jun	Jul	Aug	Sep	Oct	Nov	Dec
Industrial production		102	101	101	97	97	102	104	104	113	121	124	126
	Durable	98	97	96	93	90	97	101	105	114	129	133	140
Manufacturers	Non-Durable	104	104	104	103	104	106	106	108	111	115	117	118

Fonte: NERLOVE, 1942. p.118,119

Tomando o período de 1935-1939 como 100, notar-se-á na tabela acima o incremento nos níveis de produção ainda em meados de 1939. A evolução nos negócios empresariais tem início antes mesmo de iniciada a guerra, em função das expectativas em relação a esta, e se dá sobremaneira na produção de “bens civis”, em virtude das expectativas dos *managers* em relação a uma futura guerra. Isso pode ser evidenciado com ajuda da tabela posterior, pelo fato de que o consumo pessoal saltará de 67.2 bilhões de dólares em 1939 para 71.3 em 1940, enquanto os gastos com defesa nacional saltam apenas de 1.5 bilhões em 1939 para 2.5 em 1940. Até 1941 a indústria civil continua em franca evolução, mas o aumento para 14.3 bilhões na defesa nacional já revelam o aumento que ocorrerá quando o país entrar na guerra, que fatalmente afetará a produção civil.

Como poderá ser evidenciado na Tabela 8, a partir de 1940 o PIB norte-americano retorna a seus níveis pré-Grande Depressão, o consumo pessoal retorna a seu nível, a grande diferença reside no aumento dos gastos governamentais, essencialmente, os gastos com a defesa nacional, que serão superiores a todo o esforço durante o *New Deal*, revitalizando a economia americana. De fato, notar-se-á melhora em praticamente todos os indicadores em 1941, se atingindo ou ultrapassando os níveis de 1929.

I.4. - O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA: AS ALIANÇAS

Como diria Stalin em julho de 1940 sobre sua aliança com a Alemanha:

"The U.S.S.R. had wanted to change the old equilibrium ... but that England and France had wanted to preserve it. Germany had also wanted to make a change in the equilibrium, and this common desire to get rid of the old equilibrium had created the basis for the rapprochement with Germany." (WEINBERG, 1994. p.25)

Como visto, o primeiro abalo às antigas estruturas se iniciara com a Primeira Guerra Mundial, o poderio inglês solapava-se:

“Ela (Grã-Bretanha) ainda era uma credora mundial, com empréstimos em títulos pendentes para o Império e seus aliados de guerra da ordem de 1,85 bilhão (de libras) em 1920, mas com dívidas com os Estados Unidos num total de 4,7 bilhões (de dólares). Isso era um indício da inclinação da balança do poder financeiro...” (KERSHAW 2008. p.41)

Com a Segunda Guerra Mundial as antigas estruturas ruíam. Novas relações de poder seriam estabelecidas, buscando-se a vitória na guerra e um novo reordenamento político internacional no pós-guerra.

O Pacto Tripartite, que a Alemanha firmaria com a Itália e o Japão, em 28 de setembro de 1940, comprometendo as três potências a defesa mútua surge nesse arcabouço. Nesse momento Hitler teria exclamado a seus generais: *“Now it is impossible for us to lose the war: we now have an ally who has never been vanquished in three thousand years.”* (KENNEDY, 1999. p.524)

No verão de 1941 tinha início o avanço alemão sobre a União Soviética, rompendo com o acordo Hitler-Stálin, no que ficaria conhecida como Operação Barbarossa. A invasão da União Soviética se faria necessária, se não agora, posteriormente, não só pelo domínio sobre a Europa, mas também por ser desejoso dos vastos recursos disponíveis no território soviético, cuja disponibilidade concedida por Stalin até então representava uma quantia exígua, como coloca Kershaw (KERSHAW, 2008)

Apesar do rápido avanço, a batalha que se esperava ser resolvida em semanas, levaria anos. Logo os primeiros flocos de neve começariam a cair anunciando o início do rigoroso inverno russo.

Enquanto na Europa novas e antigas forças tentavam lutar pelo domínio mundial, os Estados Unidos preparavam-se para assumir o domínio mundial no pós-guerra.

Na Conferência do Atlântico, que ocorreu entre 9 e 12 de agosto de 1941, a bordo do couraçado H.M.S. Prince of Wales, em Placentia Bay (Newfoundland, Canadá). Os EUA comprometem-se a ajudar, pelo *Lend-Lease*, a Inglaterra e é assinada a Carta do Atlântico.

O que marcaria o domínio americano, tornando-o diferente do britânico, residia na ampla crença na cooperação entre as nações, baseada em acordos e órgãos internacionais. A Carta do Atlântico representava o advento desta nova era em termos políticos. Embora não se configurasse em um tratado oficial, tornar-se-ia um tratado

moral, estabelecendo novos laços de compromissos na esfera do poder mundial. O primeiro passo estava dado, e a partir daí a tendência seria da evolução dessas propostas sob a égide americana.

Assim, a carta não deve ser vista apenas em tempos da guerra, como diria o historiador Christopher Thorne, mas em termos de uma nova configuração mundial:

“the atlantic charter was widely understood to be beginnings of an answer to be offered by the democracies not only to the immediate military crisis in 1941, but to all the complexities of the interwar era.” (BRINKLEY e FACEY-CROWTHER, 1994. p.50)

Se os oito pontos da carta do Atlântico traziam à mente a lembrança da ideologia dos quatorze pontos preconizados pelo presidente Woodrow Wilson, após a Primeira Guerra Mundial, que nunca se efetivaram, o cenário agora era diferente, os Estados Unidos assumiam a liderança global e sua vontade era a regra, resultando em que a Carta do Atlântico cresceria em importância ao longo dos anos, o *numerabis amicos* – fazeis amigos⁵ - do ditado latino fazia-se sentir.

A Carta do Atlântico se mostrava pouco realista no trato às problemáticas existente no mundo de então, como destacaria Gandhi, a apóstola da não-violência:

“that the allied declaration that the Allies fighting to make the world safe for freedom of the individual and for democracy sounds hollow, so long as India, and for that matter, Africa are exploited by Great Britain, and America has the Negro problem in her own home.” (BRINKLEY e FACEY-CROWTHER, 1994. p.61)

Apesar disso, é necessário lembrar que o *imperium* britânico perdia sua força. A tabela a seguir vem evidenciar isso, a extensão do comércio dos Estados Unidos com as nações pertencentes aos domínios britânicos, vinha ganhando terreno, as expensas da Inglaterra.

Tabela 5.: Decréscimo das transações da Inglaterra e incrementos das norte-americanas com países do império britânico (1914-1924)

	Great Britain Decrease %	U.S.A Increase %
Canada	3.5	2.3
Australia	7.2	10.7
New Zealand	3.7	4.4
South Africa	2.3	3.4
India	4.0	3.0

Fonte: MONTGOMERY, 1928. p.17

⁵ Do ditado latino “Fac numeres nummos, et mox numerabis amicos”: Trata de contar moedas, e logo contarás amigos.

No mais tardar o sistema de colônias ruiria e a descolonização se efetivaria.

Mas independente destas problemáticas, o passo estava dado, a “grande aliança” com a Inglaterra consolidada, mas agora sob a liderança americana. Em uma pesquisa realizada pela Gallup Poll, após a volta do presidente Roosevelt da conferência do atlântico, seria indicado que 75% dos entrevistados apoiavam as determinações da política externa adotadas pelo presidente.

No Oriente, igualmente em busca de recursos vitais para sua economia, principalmente o petróleo, o Japão ampliaria seus avanços militares. Desde os embargos à exportação impostos pelos Estados Unidos a esta nação, o problema da insuficiência da produção nacional em diversos campos se colocava como um ponto de estrangulamento para a efetivação da Esfera de Co-Prosperidade asiática, tão sonhada pelos japoneses, que tornaria o país a nação mais poderosa do Oriente.

A prova desta debilidade por ser vista no fato de que, antes do ataque a Pearl Harbor, o coronel japonês Iwakuro, encarregado das questões logísticas do exército nipônico, traçaria um quadro da disparidade econômica existente entre o Japão e os Estados Unidos. “A superioridade americana é da ordem de 20 para 1 no aço, de 100 para 1 no petróleo, de 10 para 1 no carvão, de 5 para 1 nos aviões, de 2 para 1 no aparelhamento naval.”(MASSON, 2003. p.37)

Mesmo assim, em um movimento ousado, em 7 de dezembro de 1941 o tecido social americano seria posto à prova com o ataque à base naval de Pearl Harbor. Chegara o momento dos Estados Unidos efetivamente entrarem na guerra com toda a força e o poder de sua economia.

CAP II – A GUERRA E A CONSOLIDAÇÃO

Se entre 1939 e 1941 a economia americana entrava em seu ciclo de recuperação e superação dos níveis pré-Grande Depressão, o período de 1942-1945 será o de um célere crescimento da economia americana, e com a vitória na guerra, a consolidação de seu poder em esfera global.

A vitória proporcionada em grande medida pelos Estados Unidos na Segunda Guerra mundial deve ser vista antes de tudo como a vitória de um modelo de desenvolvimento advindo desde o término da Guerra Civil Americana em 1861. A consolidação da produção em massa e do poder das grandes corporações, distante de um ideal de concorrência perfeita, assim como o gasto militar distante de sua eficiência máxima. Com essa economia particular, esta nação ímpar estava pronta para derrotar qualquer adversário que se surgisse em seu caminho ascendente rumo ao poder global.

Na seção II.1. é relatada a entrada dos Estados Unidos na guerra e como se dará o desenrolar do conflito; já na seção II.2. é abordado o desenvolvimento da produção militar durante a guerra, revelando a potência econômica do país através de suas máquinas; na seção II.3. o aspecto humano torna-se primordial, analisando tanto as condições do cidadão que ia para a guerra quanto a situação interna sujeita a uma economia de guerra; na seção II.4. é tratado mais uma vez o campo político, através de importantes acordos entre as nações durante a guerra.

“The world goes a little bit by peaks and valleys, but on the whole the curve is upward; on the whole, the - over these thousands of years human life is on a great deal better scale than it was then. And we have got a long ways to go.”

Franklin Delano Roosevelt,

Press Conference, 1944

II.1. OS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA

Um dia após o ataque à Pearl Harbor, o presidente Roosevelt afirmaria:

“We are now in this war. We are all in it- all the way. Every single man, woman, and child is a partner in the most tremendous undertaking of our American history. We must share together the bad news and the good news, the defeats and the victories - the changing fortunes of war.

We don't like it - we didn't want to get in it - but we are in it and we're going to fight it with everything we've got.” (ROOSEVELT, Fireside Chat, December 9, 1941)

Decretada a guerra contra o Eixo, a mobilização americana atingirá o seu ápice. Rompendo a dualidade entre uma economia civil e uma de guerra, agora, com os filhos de sua terra lutando no front, o maior dos esforços será realizado na expectativa de alcançar a superioridade mundial derrotando os inimigos com o menor número possível de perdas.

Se a Alemanha de Hitler não tinha condições de suportar uma guerra prolongada, igualmente, não teria condições de suportar uma guerra contra a maior economia do globo.

Com a confirmação da entrada na guerra, uma nova página é virada, tem-se início o aumento estrondoso da produção para atender às estimativas do novo *Victory Program*:

Tabela 6.: Estimativas de produção industrial, pré e pós-Pear Harbor (1942)

Estimativas de produção:	Pré-Pearl Harbor	Pós-Pearl Harbor
Aviões de combate	28.600	45.000
Carros de combate	20.400	45.000
Canhões antiaéreos	6.300	20.000
Cargueiros (toneladas, peso bruto)	6.000.000	8.000.000
Canhões antitanque	1.000	14.900
Metralhadoras comuns e de tanques	168.000	500.000
Bombas de avião (toneladas longas)	84.000	720.000

Fonte: SHERWOOD, 1998. p.491

Embora não tenham se efetivado plenamente, tais diretrizes contribuíram para mostrar ao mundo o poder da economia norte-americana, sem a qual a guerra teria sido perdida. Contribuiu também para diminuir o clima de incerteza reinante entre os managers das grandes corporações. Ao se depararem com a certeza da guerra, longa e

total, tinha-se um clima onde imperavam as expectativas de um negócio muito lucrativo a surgir.

Com a entrada na guerra dos Estados Unidos, a maré irá virar para o lado dos aliados. No Atlântico, a Operação *Torch*, em novembro de 1942, com o desembarque dos aliados no norte da África, simboliza uma reviravolta na ofensiva da guerra. Na frente Oriental, após deter o avanço alemão em Stalingrado e contando com forte auxílio de materiais norte-americanos, a União Soviética ganharia espaço para manobra e começaria o avanço sobre o exército alemão, obtendo consecutivas vitórias.

Entre marchas e contramarchas, os Aliados enfrentarão ainda muitas dificuldades e diversas paralisações como nas campanhas da Itália, mas o tão esperado desembarque dos aliados na Normandia ocorre em junho de 1944 e marcará o início do fim do poderio alemão, até a derrota final, com o suicídio de Hitler em 30 de abril de 1945 e a capitulação da Alemanha em 8 de maio. A Segunda Guerra Mundial terminara na Europa.

No pacífico, a batalha do Mar de Coral 6-8 de maio de 1942 deterá o ímpeto expansivo nipônico; na Batalha de Midway, 4-6 de junho de 1942, é restabelecido o equilíbrio no Pacífico e a partir da Campanha de Guadalcanal, iniciada em agosto de 1942 e que perdurará por 6 meses, os Estados Unidos começam a forçar o recuo do exército japonês, que se vê limitado em uma guerra de longo prazo devido sua frágil situação econômica, marcando o recomeço da reconquista do Pacífico pelos Aliados. Até a rendição nipônica após os ataques a Hiroshima e Nagasaki.

Produção em massa, novas tecnologias, grandes corporações, estavam lançadas as armas com as quais os Estados Unidos ascenderiam ao poder mundial.

II.2. - AS ARMAS DA GUERRA

II.2.1. - A PRODUÇÃO EM MASSA

Como o historiador econômico A.Chandler define, o sistema de produção em massa:

“Mass production industries can then be defined as those in which technological and organizational innovation created a high rate of throughput and therefore

permitted a small working force to produce a massive output.” (CHANDLER, 2002. p.241)

O novo método de produção em massa, o sistema de produção fordista, foi uma das principais marcas do século XX, e fator determinante na vitória da maior guerra de todos os tempos.

Produção em massa, distribuição em massa, a busca por progressivos ganhos de escala e aumento do market share se tornaram imperativos fundamentais que se impunham em praticamente todos os ramos de atividade econômica. As ondas de integração horizontal (1878-1892) e vertical (1898-1904) engendraram profundas alterações no capitalismo mundial. E a guerra seria o momento da consolidação deste padrão de organização americano.

Como afirmaria Stálin durante a conferência de Teerã em dezembro de 1943: *“The United States, therefore, is a country of machines. Without the use of those machines, through Lend-Lease, we would lose this war.” (GROPMAN, 1996. p.1)*

II.2.1.1. - AUTOMÓVEIS, AVIÕES E NAVIOS

“The mass production of aircraft, tanks, anti-aircraft equipment, ships, tractors, and other armament equipment constitutes a mass production job such as has never been seen before - a cooperative job for labor and industry. It is a job requiring efficiency and speed”. (FRASER, 1971. p.57)

Ao longo de seu desenvolvimento, nada retratava melhor o progresso americano que sua indústria automobilística. Apesar de não ser uma invenção americana, seria no solo deste país, através da produção em massa, à qual se tornaria sinônimo, que ela se consolidaria e tornar-se-ia famosa.

Em um período de pouco mais de trinta anos (1893 – 1929), a relação carro/habitante passou de um carro para cada 10 mil americanos para um carro para cada 5 americanos, revelando a forte penetração deste bem nas preferências do cidadão.

Nas décadas de 1920 e 1930, entre 4% e 7% de todos os trabalhadores industriais norte-americanos se encontravam nela empregados, e o setor automotivo era o maior consumido de aço, borracha, vidro plano, níquel e outros insumos, dinamizando muitos setores da indústria.

Com a crise, a venda de carros nos EUA caiu de 4,59 milhões em 1929 para 2,79 milhões em 1930; de 1,97 em 1931 para 1,14 milhões em 1932, 75% de queda.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o potencial da guerra moderna seria visto na indústria automobilística, a produção de caminhões quintuplicou, de 24.900 em 1914 para 128.000 em 1917. 238.000 veículos seriam produzidos, entre carros, caminhões e ambulâncias durante a guerra. (FLINK 1990. p.78)

Na década de 30, os automóveis consumiam: 20% do aço, 12% do alumínio, 10% do cobre, 51% do chumbo, 95% do níquel, 35% do zinco e 60% da borracha usados nos Estados Unidos à época. Como um analista em 1932 observaria:

“Think of the results to the industrial world of putting on the market a product that doubles the malleable iron consumption, triples the plate glass consumption, and quadruples the use of rubber! ... As a consumer of raw material, the automobile has no equal in the history of the world.” (RIFKIN, 2010. p.378-379)

No início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, grande quantidade de cavalos ainda seriam utilizados para o deslocamento de tropas e material, pelo lado alemão, 573.000 cavalos, ao total durante a guerra, 2.750.000 seriam utilizados pela Wehrmacht durante a guerra, dos quais 60% morreriam. Na União Soviética um número ainda maior, 3.500.000 seriam utilizados. (ECKERMANN, 2001. p.142-143)

Durante 1942 a indústria alemã acabou por utilizar apenas 59 mil caminhões, para um exército de 8 milhões de homens, mas no mesmo ano 400 mil cavalos foram enviados para o front. Ao lado das poderosas divisões Panzer - o poderoso núcleo da blitzkrieg alemã - essas divisões pouco modernas marcariam os contrastes econômicos da guerra.

No fim de junho de 1941, mais da metade de transporte militar da Alemanha era composta de equipamentos aliados capturados durante a campanha de 1940. Enquanto já em 1938 havia um automóvel para cada dez americanos.

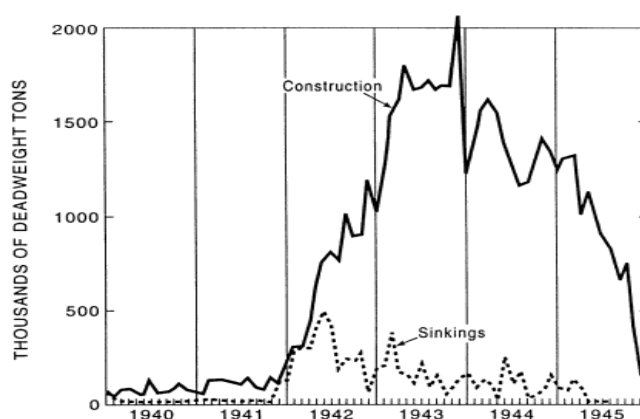
Em dezembro de 1942, foi formado o *Automotive Council for War Production* (ACWP), organizando os recursos e a produção das indústrias automobilísticas, trabalhando em conjunto com os militares, houve um incremento na quantidade produzida e em sua qualidade. General Motors, Ford e Chrysler, empresas que dominavam o mercado, contribuíram com os esforços de guerra de variadas formas. A Chrysler produziu 22.000 tanques, a Ford produziria 288.000 novos jeeps e a General Motors atribuiu 120 de suas plantas para os esforços de defesa.

A conversão unicamente da indústria automobilística produziria para fins militares 4.131.000 motores, incluindo 450.000 para aviões e 170.000 motores para a marinha. E, 5.974.000 armas e 27.000 aviões completos. (HEITMANN, 2009. p.121)

Da terra para o mar. Criado em 1941, o cargueiro *Liberty* foi um dos maiores achados da marinha norte-americana nos tempos de guerra. Relativamente lentos, e com um design que deixava muito a desejar (daí o apelido dado a eles de “patinho feio”), eles, no entanto, se mostrariam muito úteis, sendo capazes de transportar 9.000 toneladas. Além disso, sua produção em série era extremamente veloz, daí a ser conhecido como o “modelo T” dos mares.

Mais de 51 milhões de toneladas de marinha mercante foram construídas nos estaleiros norte-americanos entre 1941 e 1945, representando cerca de 10 mil cargueiros *Liberty* e *Victory* e petroleiros T-2. Se antes eram necessários 3 dias para construção de um navio tipo *Liberty*, no auge da produção seriam construídos 3 navios a cada dia. Era a força da produção em massa na marinha de guerra americana.

Gráfico 1.: Produção e afundamento de navios mercantes durante a guerra



Fonte: GROPMAN, 1996. p.118.

O número de afundamentos em grande medida em virtude da marinha negativa alemã composta pelos *U-boats* (submarinos) será a principal estratégia militar alemã nos oceanos. Como afirmaria o almirante Erich Raeder, comandante-chefe da marinha alemã, “quanto mais cruel for o modo de conduzir uma guerra em seu aspecto econômico, mais cedo ela mostrará resultados e mais rápido terminará”.

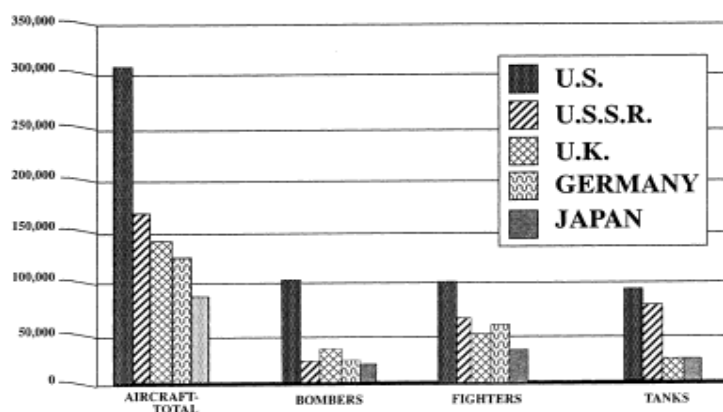
Mas essa estratégia tornar-se-á ínfima diante da colossal quantia produzida nos portos americanos a partir de 1942, e a novos instrumentos de localização engendrados pelos Aliados na caça aos submarinos alemães, o que representará um grande golpe a estratégia do Eixo e o princípio da vitória Aliada.

Apesar das deficiências orçamentárias iniciais de todo o sistema de defesa nacional americano, em 1939, como visto anteriormente, o *Air Force* dispõe de aviões pesados, capazes de operar a longas distancias, trata-se das “fortalezas voadoras” (B-17), sua função inicial residia na defesa da costa dos Estados Unidos e das possessões do Pacífico. No entanto, durante a guerra será uma das principais armas norteamericanas destinados a bombardeios estratégicos a alvos industriais alemães.

Eles serão seguidos pelo B-24 e pelo B-29. Este último (auxiliado pelos caças *Lightning* e *Mustang*, tão eficientes quanto os do Eixo), dará o domínio dos ares aos Estados Unidos. Um aparelho caro, custava mais de 400 mil dólares cada, condizente com os custos envolvidos nesta grande guerra. Com um raio de ação de 5 mil milhas, o dobro do B-17, uma carga de bombas duas vezes maior, e nitidamente mais rápido e sofisticado, essas “superfortalezas voadoras” iniciariam ataques com bombas incendiárias sobre o território alemão e japonês, causando enorme destruição. De fato, a estratégia do bombardeio estratégico se fará sentir principalmente no limiar da guerra, causando imensurável destruição às estruturas produtivas e de pesquisa nos países do Eixo.

Algo semelhante notar-se-ia no palco do Pacífico. Ao final da guerra, 60% das construções japonesas estavam em chamas, e sua economia encontrava-se reduzida a 60%. Como afirmaria o general japonês Nagano Osami após a derrota na guerra: *“If I were to give you one factor... that led to your victory, I would give you the air force”*. (HORNER, 2002. p.85)

Gráfico 2.: Produção mundial de tanques e aviões durante a guerra. (em milhares)



Fonte: GROPMAN, 1996. p.94.

Todo esse aumento de produção proporcionado pela guerra irá se refletir no lucro das principais empresas envolvidas:

“Boeing’s net wartime profits for the years 1941 to 1945 amounted \$27.6 million; in the preceding Five years the company had lost nearly \$3 million. General Motors Corporation employed half a million people and supplied one-tenth of all American war production. Ford alone produced more military equipment during the war than Italy.” (ALDCROF e OLIVER, 2008. p.109-110)

Os lucros da guerra, já destacados no capítulo 1, consolidavam o padrão de desenvolvimento americano.

II.2.1.2. - O PETRÓLEO

Como o estadista britânico Ernest Bevin disse certa vez, *“the kingdom of heaven may be run on righteousness, but the kingdom of earth runs on oil.”* (RIFKIN, 2010. p.379)

Mais uma vez A.Chandler dará a definição fundamental:

“The history of these distilling and refining industries demonstrates the basic axiom of mass production. Economies and lower unit costs resulted from an intensification of the speed of materials through an establishment rather than from enlarging its size. They came more from organization and technological innovations that increased the velocity of throughput than from adding more man and machines. The potential for mass production thus reflected the basic nature of the processes of production.” (CHANDLER, 1985. p.257)

Assim como na indústria automobilística, a concentração em grandes corporações será a base da indústria petrolífera.

Em 1870, surgia a *Standard Oil* criada por John Rockefeller. Já em 1890, a Standard Oil, possuía 39 refinarias de petróleo nos EUA, 100.000 empregados, 6500 km de pipelines e 20.000 poços de petróleo espalhados pelo globo, o que representava cerca de 90% da capacidade mundial de perfuração, refinação e distribuição, um verdadeiro monopólio. Apesar dos vários desmembramentos, continuará concentrada até os confins da Segunda Guerra Mundial.

Como referiu-se George Clemenceau, primeiro-ministro francês, em telegrama enviado ao Presidente americano, Woodrow Wilson, em 15 de Dezembro de 1917 durante a Primeira Guerra Mundial, sobre a importância do petróleo na guerra:

“Qualquer falta de gasolina causaria a paralisia imediata dos nossos exércitos e poderia obrigar-nos a uma trégua inaceitável para os Aliados. Se os Aliados não

querem perder a guerra, é preciso que a França combatente disponha de gasolina, quando se der o derradeiro choque germânico, tão necessário como o sangue nas batalhas de amanhã”. (Laurent, 2006: 34).

Ainda durante a década de 30, principalmente Estados Unidos e Inglaterra, procuraram obter o controle da exploração e produção nas principais novas áreas de jazidas do globo.

Durante o *New Deal*, através de destacada atuação de Ickes, que afirmara em 1933 “o negócio do petróleo está quase quebrado e... continuar a não fazer nada” acrescentou, “resultará num total colapso da indústria”, os esforços do governo residiram em reverter essa situação através de uma maior intervenção no ramo procurando restringir a produção por meio de cotas a cada estado (para se aumentarem os preços do óleo, vendido à época até mesmo por 4 *cents*) e manter o equilíbrio na indústria, especialmente através de desverticalizações. As medidas se fizeram sentir, de 1934 a 1940, o preço médio do petróleo nos Estados Unidos variou de 1 a 1,18 dólar o barril, “um dólar o barril” tornava-se frase ressoante por toda parte e motivo de satisfação.

Mas agora, a guerra requeria uma maior produção, com aumento na eficiência das perfurações e exploração de novos poços.

Durante o primeiro semestre de 1942, quando da ofensiva dos U-boot na costa leste dos Estados Unidos. Uma escassez de petróleo atinge a região industrial do nordeste dos Estados Unidos, a ponto de comprometer todo o esforço de guerra – para grande cólera de Marshall – e de levar à construção de dois oleodutos, *Big Inch* e *Little Big Inch*, para que o petróleo do *Middle West* e das Caraíbas alcance as zonas de consumo. (MASSON, 2003. p.188)

Em dezembro de 1942, é criado o *Petroleum Administration for War* (PAW), administrado por Ickes. Sob sua coordenação houve grande aumento da exploração e produção de petróleo, principalmente na produção de petróleo de alta octanagem, utilizado como combustível tanto pela *U.S Navy* quanto pela *Air Force*, bem como na produção de novos produtos como a borracha sintética, financiados em grande medida graças a incentivos fiscais e custos compartilhados.

A saída de combustível nos Estados Unidos, em estágios posteriores da guerra, seria de 18 vezes mais que no da Primeira Guerra Mundial, e a utilização de combustível para aviação seria de 80 vezes mais. Cerca de metade da tonelagem dos produtos enviados ao exterior pelos americanos constituía-se em combustível para os aliados

Um exemplo do consumo no período pode ser visualizado no navio padrão americano, o “patinho feio” Liberty, que consumia 170 barris diários cada, e possuía capacidade para armazenar combustível suficiente para 72 dias, cobrindo 19 mil milhas náuticas.

Na Europa o problema de abastecimento seria ainda mais grave, na Inglaterra se iniciou a operação Pluto (*Pipe-Lines Under The Ocean*), de construção de um oleoduto ligando Inglaterra e França através do canal da Mancha. Muitos dos equipamentos seriam feitos nos EUA com maior capacidade industrial que a Inglaterra no período, sendo enviados aos ingleses como parte do *Lend-Lease*.

A resistência soviética em Stalingrado representaria uma grande perda para a Alemanha, principalmente na questão do petróleo, muito óleo era queimado no rigoroso inverno russo apenas para manter as máquinas funcionando durante todo o tempo, do contrário o congelamento do combustível era iminente. Perdendo o ímpeto ofensivo, o contra-ataque soviético privaria aos poucos a Alemanha de suas fontes energéticas, até o colapso total.

Enquanto isso a produção nas refinarias norte-americanas em 1943 chegava às cifras de 4.125.000 barris diários, em grande medida abastecidas pelo óleo cru sul-americano. Em outros termos, a produção norte-americana em 15 dias, era comparável à produção alemã de um ano inteiro, quando as refinarias européias ainda não estavam sobre controle alemão. A partir de agosto de 1944 a Alemanha se veria esmagada pela falta de óleo, o seu consumo ultrapassava em larga medida sua produção.

“Less than 500 tons of aviation gasoline were made during February, 1945, only 40 tons were made in March, none at all in April [...] Germany’s large reserve of military aircraft stayed on the ground with empty tanks [...] Tanks and armored vehicles were moved to the front by oxen...” (U.S. STRATEGIC BOMBING SURVEY: OIL DIVISION REPORT, 1944)

Entre dezembro de 1941 e agosto de 1945, as necessidades dos Aliados somaram a incrível quantia de 7 bilhões de barris de petróleo bruto, dos quais os Estados Unidos seriam responsáveis por 80% do fornecimento. As forças americanas usavam cerca de 100 vezes mais gasolina do que na Primeira Guerra Mundial, e sua tropa padrão usava 187 mil HP, enquanto na guerra anterior apenas 4 mil HP.

Campanhas foram decididas ou influenciadas pela disponibilidade de petróleo ou sua falta, a logística, ciência dos militares de então, girava em torno da oferta de produtos petrolíferos.

II.2.2. - TECNOLOGIA

“ A guerra, ou a preparação para a guerra foi um grande mecanismo para acelerar o progresso técnico, ‘carregando’ os custos de desenvolvimento de inovações tecnológicas que quase com certeza não teriam sido empreendidos por ninguém que fizesse cálculos de custo-benefício em tempo de paz, ou teriam sido feitos de forma mais lenta e hesitante.” (HOBSBAWN, 2008. p.54)

Apesar de uma invenção poder ocasionalmente ser solicitada, anteriormente o inventor foi deixado essencialmente por conta própria. Às vezes, se um artigo parecesse promissor, um chefe de gabinete adiantaria uma quantia pequena para um modelo piloto, mas geralmente um inventor fazia o próprio modelo, e, em seguida, testava-o, se ele ainda pensava ser viável. Poucos fabricantes privados se interessavam em tais empreendimentos arriscados.

Com o advento das grandes corporações esse cenário começaria a mudar, inventor e empresário tornar-se-iam figuras distintas, contudo, será sobremaneira com a Segunda Guerra Mundial que esse processo se intensificará, a necessidade de sobrepujar o inimigo tecnologicamente esbarraria em um novo quadro, marcado pelo fato de as novas tecnologias requererem capital intensivo, e o ciclo da invenção à inovação requerer um prazo de tempo mais longo a ser decorrido. A “mão” do Governo tornava-se assim necessária para a continuação do processo inovativo.

A importância do desenvolvimento tecnológico já se fizera sentir na Primeira Guerra Mundial, como destacado por McNeill (SMITH, 1985. p.177):

“(...) as so often before, military demand thus blazed the way for new techniques, and on a very broad front, from shell fuses and telephones to trench mortars and wrist watches. The subsequent industrial and social history of the world turned very largely on the continuing applications of mass production whose scope widened so remarkably during the emergency of World War I. Anyone looking at the equipment installed in a modern house will readily recognize how much we in the late twentieth century are indebted to industrial changes pioneered in near-panic circumstances when more and more shells, gunpowder, and machine guns suddenly became the price of survival as a sovereign state.”

Na Segunda Guerra Mundial essa importância atinge seu mais alto nível. Neste contexto, tem início sob a liderança do dr. Vannevar Bush, ex-diretor da faculdade de engenharia do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), o plano para a mobilização de cientistas americanos, “a fim de trabalharem em novas armas capazes de enfrentar e sobrepujar a terrível ameaça que a tecnologia nazista apresentara ao mundo livre e civilizado.” (SHERWOOD, 1998, p.173).

A criação do *National Defense Research Council* (NDRC) em 1941, será um marco, estabelecendo uma nova estrutura para a ciência e a engenharia, criando uma ampla rede de pesquisa junto às universidades. Como resultado destes esforços, as inovações desenvolvidas nos laboratórios industriais criaram uma nova geração de armas e equipamentos. A concorrência pelas armas da Alemanha acelerou enormemente esta mudança institucional.

O número de cientistas nas principais indústrias norte-americanas durante a guerra salta de 2.775 em 1921 para quase 27.777 em 1940. Findo a guerra, o número chegaria a 45.941 (1946), a guerra funcionara, assim, como um incentivo ao gênio da criação e da descoberta.

O *Projeto Manhattan* foi o mais importante marco desta nova era.

Como afirmaria o físico Robert Oppenheimer: *“that the deep things in science are not found because they are useful; they are found because it was possible to find them”*. E agora a mais poderosa arma de todos os tempos havia sido encontrada. Em um esforço que envolveu mais de 100 mil homens entre engenheiros e cientistas, as mentes mais brilhantes no país se encontrariam para formulação do que seria a maior inovação engendrada durante a guerra.

Seus custos também evidenciavam o tamanho do projeto:

“the secret of the bomb would turn out to be industrial production on an enormous scale - 2.2 million dollars worth by the end of the war in 1945 dollars, about the same as it cost twenty years later to go to the moon.” (KELLY, 2004. p.22)

Sua importância seria fundamental no pós-guerra como será visualizado.

As batalhas da criptoanálise durante a guerra seriam capítulo a parte do desenvolvimento tecnológico e educacional, cabendo apenas aqui menção honrosa pelo seu enquadramento no contexto. Como assinalado por John Keegan (KEEGAN, 2003. p.192), “para quebrar uma [máquina] cifradora⁶ são necessárias duas coisas: teoria matemática e auxílio mecânico”. O triunfo da ciência moderna permitiria essa quebra, permitindo a obtenção de melhores informações sobre o inimigo.

Se pelo lado alemão a produção do primeiro helicóptero prático (o *Focke-Achgelis FW-61*), do primeiro avião turbojato (o *Heinkel He 178*), do primeiro míssil de cruzeiro (V1) e do primeiro foguete extra-atmosférico (V2) sinalizavam a evolução tecnológica durante a guerra, no lado americano, algumas melhorias, aliadas com a

⁶ Máquinas electro-mecânicas de criptografia com rotores, utilizada tanto para criptografar como para descriptografar mensagens secretas. Sendo a Enigma alemã uma das mais conhecidas.

produção em massa seriam o suficiente. Os novos navios *Victory's* se mostrariam mais velozes e eficientes que o “patinho feio”; No ar, os caças *Wildcats* e os *Buffalos* do início da guerra seriam inferiores ao *Zero* japonês, sofrendo varias derrotas, até o surgimento do *Hellcat* em 1942. Os bombardeiros B-29, superiores em todos os aspectos a seu antecessor, revelariam este constante progresso tecnológico engendrado em meio à guerra.

Em constante sinergia com as demais indústrias, a do petróleo também registraria importantes inovações, responsáveis pela superioridade militar americana. O combustível de 100 octanas tornar-se-ia o principal utilizado pelas forças aliadas, tal combustível apresentava uma eficácia de 15 a 30% superior aos combustíveis então existentes, foi exigido assim, a construção e conversão de diversas fábricas, que até então trabalhavam com uma octanagem mais baixa para atender a esta nova demanda.

Em outro recurso estratégico para a guerra, a borracha, a tecnologia também se fará sentir. Antes da entrada na guerra, em 1941, os Estados Unidos consumiam cerca de 600 mil toneladas de borracha no ano. Durante a guerra esse número se alteraria bruscamente. Durante a Primeira Guerra Mundial, cada membro do serviço militar utilizava em torno de 16 quilos de borracha nas mais variadas formas. Mas a partir de 1941, a quantidade subiu para 98 quilos. Cada encouraçado necessitava de 75 toneladas de produtos para sua fabricação, e uma fortaleza voadora (B-17) meia tonelada, além dos elevados gastos em pneus em um exército motorizado. Depois de Pearl Harbor o Japão cortou em 50% a produção de borracha das indústrias americanas ao bloquear as fontes produtoras da Indonésia, Malásia e Filipinas. A borracha reciclada era uma saída, mas, a quantidade perdida, e a qualidade obtida por esse processo deixavam muito a desejar.

O governo Roosevelt se esforçou então a encontrar uma solução para esse problema. A solução foi a melhora da *Buna*⁷ cujos segredos foram descobertos da Alemanha, através de um processo de pesquisa e desenvolvimento tecnológico liderado pela *Firestone*, *Goodyear* e *Goodrich*, e cujos direitos de propriedade passariam à Standard Oil de New Jersey.

A partir deste momento a produção de borracha sintética nos Estados Unidos aumentou fantasticamente, passou de menos de 60 mil toneladas em 1941, para um milhão de toneladas em 1945.

Na medicina os avanços também serão significativos, cerca de 98% dos feridos na guerra conseguiam ser tratados por médicos e enfermeiros. Novos medicamentos compunham as listas militares, incluindo anestésicos, Atabrine, plasma sanguíneo,

⁷ O nome refere-se a sua composição: Bu de butadieno e Na para natrium, antigo nome do sódio.

morfina, e depois albumina e penicilina. O Atabrine, nome comercial de um medicamento utilizado para tratar verminoses, é um exemplo ilustrativo interessante dos temas vistos até agora:

“In 1940, Winthrop Chemical Company produced approximately 5 million Atabrine tablets a year but was dependent on materials received from Germany’s I.G. Farben, the patent holder. Research was successfully undertaken to develop the necessary steps for manufacture of the tables – a complex process that used 1.5 tons of chemicals to make 100 pounds of Atabrine. In 1943 almost 1.8 billion tablets were delivered to the medical department; and over 2.5 billion were delivered in 1944.” (WORTHEN, 2004. p.152)

O sucesso da produção em massa aplicada à indústria farmacêutica aumentará consideravelmente a produção e difusão de medicamentos, salvando milhares de vidas não apenas no front, mas na sociedade civil que acolheu os seus benefícios.

O segundo ponto, trata-se evidentemente do avanço tecnológico, o aumento nos gastos de P&D que se iniciavam, permitindo o desenvolvimento de novos produtos.

O terceiro aspecto é talvez o menos evidente. O aumento no número de pesquisas e pesquisadores criariam um cenário, no longo prazo, de elevação no número de patentes concedidas (Figura XVII), novos projetos começavam a se desenvolver durante a guerra, a se consolidariam depois dela.

II.3. - OS HOMENS

II.3.1. - OS SOLDADOS

Mesmo nos cenários da guerra a situação do soldado americano também não seria das piores, confrontando-os com o soldado dos demais exércitos.

“O soldado americano era o mais bem pago, o mais bem nutrido e o mais bem equipado de todos.” Diria Masson, “o material é abundante, a alimentação rica e variada”, acrescentando, “o soldo do combatente vai de 60 a 100 dólares, com acréscimos de 10% para os paraquedistas e os *rangers*”. (MASSON, 2010. p.359) O que era superior, descontada a inflação, ao 1 dólar por dia que recebiam os trabalhadores nas minas durante a Grande Depressão; aos 30 dólares por mês distribuídos pelo CCC; ou

aos 40 centavos a hora, pagos pela CWA aos trabalhadores no Sul.(KENNEDY, 1999)
De fato, a alimentação também seria invejável, como destacado pelo plano do capitão Stavers, visando a “... *supplement of two or three large sandwiches of ground beef, cheese, egg, or jam; pastry, either turnovers, cinnamon rolls, or raised doughnuts; and an ample allotment of fruit juices.*” (STAVERS, 1944, p.29)

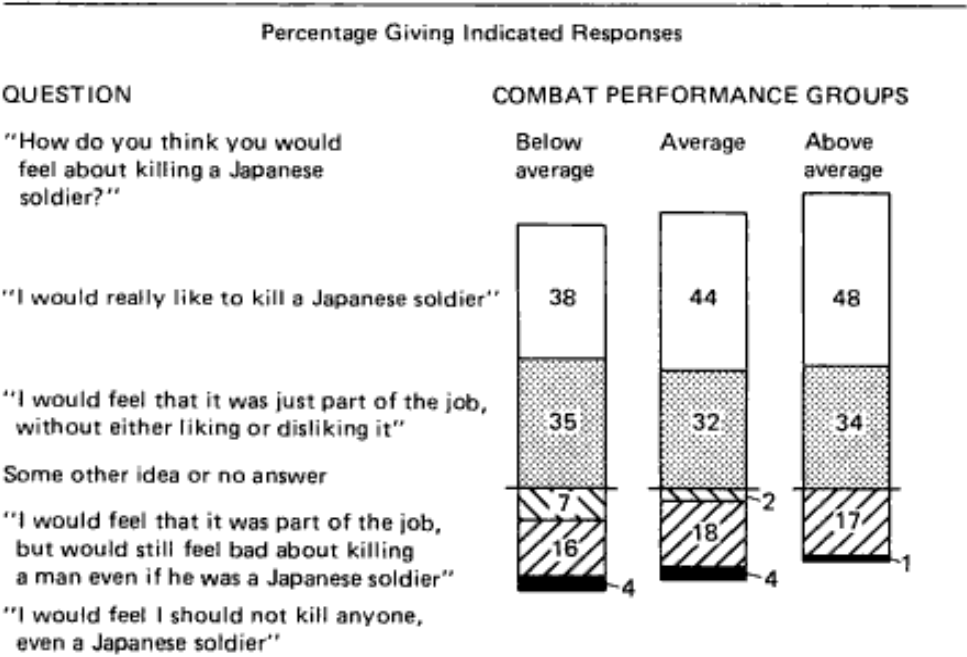
Enquanto seus inimigos no pacífico, os japoneses, dispunham de uma ração diária limitada a 650 gramas de arroz, enriquecida com alguns pedaços de peixe, de carne de boi ou porco, de legumes e frutas. Dormiam em simples esteiras e enfrentavam uma falha logística que conduzia a um atraso nas comunicações por varias semanas. (MASSON, 2010)

E enquanto no lado soviético, como retratado na unidade do estudante Nikolai Brandt no Exército Vermelho:

“muitos dos outros homens em sua unidade não tinham armas de nenhum tipo. Eles planejavam entrar na batalha seguindo atrás da primeira onda de ataque, e munir-se com as armas dos camaradas que caíam no percurso.” (REES, 2009. p.147)

Uma pesquisa realizada para averiguar a moral do soldado americano, a *Foreign Morale Analysis Division*, realizada em 1944 comprovaria a mentalidade do soldado americano, a diferença em relação ao soldado japonês e o alemão, será flagrante.

Gráfico 3.: Pesquisa sobre a moral do soldado americano, 1944



QUESTION

"How do you think you would feel about killing a German soldier?"

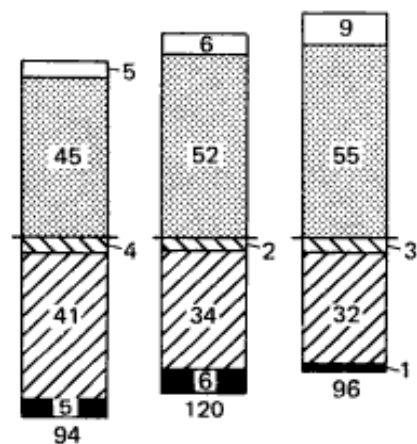
"I would really like to kill a German soldier"

"I would feel that it was just part of the job, without either liking or disliking it"

Some other idea or no answer

"I would feel that it was part of the job, but would still feel bad about killing a man even if he was a German soldier"

"I would feel I should not kill anyone, even a German soldier"



Fonte: SMITH, 1985. p.233.

Esses dados também são importantes para se compreender a posição ímpar do soldado americano, que entrava em uma guerra não propriamente sobrevivência, revelado pelo baixo sentimento de ódio contra o inimigo, como nos soldados europeus, mas de uma consolidação racional do poder americano, eram as forças do “novo mundo” dominando o “velho”. Também seria flagrante a animosidade para com os soldados japoneses, o que remetia ao ataque à Pearl Harbor.

Apesar disso, o espírito de luta e sacrifício se encontraria no jovem soldado americano, alguns deles que cederam suas forças na construção de estradas e restauração de parques, agora dariam a vida pela nação. Como coloca Degrelle:

“Chego a uma trincheira na crista oeste de Saint-Vith. Uma fileira de jovens americanos mortos se achava ali. Estavam ainda exatamente alinhados. Eles haviam conservado seu belo tom de pele de rapazes bem alimentados e bafejados pelo vento. Tinham sido atingidos por rajadas de tanques. Dois deles tinham ficado com o rosto achatado como um envelope. Mas esses rostos privados de relevo tinham conservado uma nobreza impressionante. Na trincheira, não havia vazio. Cada um desses rapazes tinha permanecido sem fraquejar em seu posto, apesar da onda de cinquenta ou cem tanques que havia subido em sua direção e cujas correntes deixaram marcas que podiam ser vistas na neve espessa.” (DEGRELLE apud MASSON, 2010. p.362)

O soldado americano também mostraria seu valor na guerra do Pacífico, da rendição em Bataan até a vitória final na guerra, esse teatro será responsável por um terço de todas as baixas americanas; sujeitos as intempéries climáticas, a malária e uma resistência estratégica japonesa proporcionada pelo terreno.

II.3.2. - O CIVIL

As dificuldades da vida civil durante o período de guerra sempre foram uma constante, apesar disso, a vida do cidadão americano melhorará em muitos aspectos durante a Segunda Guerra Mundial.

“Compared with the rest of the world, American civilians were flourishing. Unlike most of the world, they were safe. No bombs fell; no ships bombarded them. War did not ravage their homes or destroy their businesses. Their government remained stable and their freedoms protected. The United States was the only belligerent country that raised its civilian standard of living during the war.” (Schneider & Schneider, 2003. p.68)

As diretrizes de tempos de guerra seriam anunciadas à população por Roosevelt em seu Fireside Chat de 28 de abril de 1942:

“Yesterday I submitted to the Congress of the United States a seven-point program of general principles which taken together could be called the national economic policy for attaining the great objective of keeping the cost of living down.

I repeat them now to you in substance:

First. We must, through heavier taxes, keep personal and corporate profits at a low reasonable rate.

Second. We must fix ceilings on prices and rents.

Third. We must stabilize wages.

Fourth. We must stabilize farm prices.

Fifth. We must put more billions into war bonds.

Sixth. We must ration all essential commodities which are scarce.

Seventh. We must discourage installment buying, and encourage paying off debts and mortgages.” (ROOSEVELT, Fireside Chat, April 28, 1942.)

Com os dispositivos da Lei Wagner, aprovada durante o *New Deal*, o trabalhador industrial estaria mais sensível às mudanças salariais. Sob a liderança do líder trabalhista John L. Lewis, presidente do *United Mine Workers of America* (UMW), os trabalhadores mineiros, adotaram várias greves generalizadas por aumento de salários. Em 1942, 2968 interrupções no trabalho por conta de greves custaram 4,1 milhões de homens/dia; em 1943 3752 interrupções de trabalho custariam 13,5 milhões de homem/dia; em 1944, 4950 paradas custaram 8,7 milhões de homens/dia. Em 1943,

uma greve de mais de 500.000 trabalhadores foi realizada, quando ordenada a volta ao trabalho, apenas 15.000 retornaram, paralisando as siderúrgicas por cerca de duas semanas e atrasando a produção.

Se o AAA não conseguira elevar a renda agrícola aos níveis almejados, muito de sua concentração de propriedades e mecanização através de maior capital invertido se intensificaria durante a Segunda Guerra Mundial. Com o aumento da necessidade de alimentos, os preços tenderam a subir, gerando um período de prosperidade aos agricultores na época. A Segunda Guerra Mundial acelerou o movimento em direção à mecanização e ao agronegócio. Agricultores substituíram mulas por tratores, usaram mais fertilizantes químicos e inseticidas, e adotaram práticas mais sofisticadas de plantio, a produtividade por trabalhador rural aumentou, e proprietários rurais assumiram terras que eles haviam alugado para os inquilinos durante o período da Grande Depressão.

A vida do trabalhador não seria fácil, muitas fábricas bélicas eram perigosas, onde o trabalhador podia ficar exposto a produtos químicos ou se acidentar em soldagens, andaimes elevados ou levar um tiro de navios em construção. Muitos deles foram deslocados para longe de sua moradia, para as regiões onde novas plantas tinham sido construídas.

A gasolina foi racionada, tanto com fins de poupar combustível, quanto para resolver o problema da escassez de borracha. A velocidade seria fixada em 35 Km/h, considerada a velocidade de maximização do uso do pneu, quem desrespeitasse a regra podia perder os pneus e a gasolina. As viagens tornaram-se assim muito limitadas, e o transporte público se transformou em primeira opção.

Uma profunda mudança ocorreria no cardápio do cidadão americano. A escassez de carne mudou os hábitos alimentares. Muitas famílias se queixavam da falta de carne, afirmando que passavam a mesma fome que no período da Grande Depressão, muitos não comiam fígado, rim ou língua, mais facilmente encontrados no mercado. O consumo de verduras e hortaliças aumentou, muitos jardins foram plantados, produzindo 40% das hortaliças consumidas durante a guerra. Sob orientação da *Office of Price Administration* (OPA), o consumo de café foi cortado para um copo por dia para cada pessoa, as donas de casa tiveram que usar o pó de café duas vezes. Whisky foi convertido em álcool industrial; o açúcar em falta seria substituído pelo xarope de milho, outros produtos não encontrariam substitutos próximos.

Ao mesmo tempo o governo administraria uma substantiva melhora nutricional à população:

“The government helped to improve nutrition by teaching its basics, beginning to issue nutritional standards, requiring fortification or enrichment of bread,

margarine, and milk, and the addition of iron, thiamine, riboflavin, and niacin to white flour.” (SCHENEIDER e SCHENEIDER, 2003. p.68 - 73)

Como concluiria Scheneider, *“They ate well, though not always what they wanted.”* (SCHENEIDER e SCHENEIDER, 2003. p.68 - 73). Enquanto, para muitos, nem mesmo isso tiveram durante a Grande Depressão.

Mudanças também ocorreram no vestuário, muitas meias feitas de seda ou nylon desapareceram, sendo utilizadas para fabricação de pára-quadras. Para poupar tecido, alguns ternos e calças com bolsos foram proibidos para os homens, saias plissadas desapareceram para as mulheres. A escassez de borracha reduziu a confecção de cintas, muito usadas pelas mulheres na época.

As mulheres, aliás, agora assumiam um novo papel na sociedade, convocadas ao trabalho para suprir a necessidade de mão-de-obra na produção, elas ingressavam pela primeira vez no mercado de trabalho, embora ganhando menos que os homens. Desde meados de 1941 até meados de 1945, o número de mulheres com idade acima de 14 anos empregadas em áreas não agrícolas aumentaria de 11,4 milhões para 16,5 milhões. A visão sobre elas começava a mudar.

A guerra engendrava novos ares, até mesmo em questões profundas e seculares como o racismo. O questionamento de Ghandi visto no capítulo 1, começava a ganhar resposta. Uma nova organização de direitos civis, a *Congress of Racial Equality* (CORE), através de estratégias não violentas começava a lutar contra o racismo aos afro-americanos, no intuito de *“To gain victory over racial discrimination at home as well as over the Axis abroad”*. (BOYER, 2010. p.606) Os resultados se fariam sentir, condenando práticas discriminatórias nos trabalhos, dois milhões de afro-americanos conseguiriam emprego na indústria da guerra, e 200 mil em serviços públicos.

A Segunda Guerra Mundial foi um período de grande acumulação de riqueza, que se transformaria no pilar do progresso americano após a guerra. Houve um grande influxo de ouro para os Estados Unidos no período, em virtude dos temores de mantê-lo na Europa em guerra. A quantidade de moeda tendeu-se assim a elevar durante o período, mas muitos ganhos reais ocorreram.

Para uma população que sofrera fortemente com a Grande Depressão, a guerra representava um novo recomeço, como afirmaria Galbraith (2008, p.60) *“Para a grande maioria dos norte-americanos, por outro lado, a Segunda Guerra Mundial foi uma experiência quase casual e quase agradável.”*

II.4. - A AGRICULTURA

A Segunda Guerra Mundial acelerou o movimento em direção à mecanização e ao agronegócio. Agricultores substituíram mulas por tratores, usaram mais fertilizantes químicos e inseticidas, e adotaram práticas mais sofisticadas de plantio, a produtividade por trabalhador rural aumentou, e proprietários rurais assumiram terras que eles haviam alugado para os inquilinos durante o período da Grande Depressão.

De início, muitos agricultores se recusaram a aumentar a área plantada com receio de não vender sua produção. Como agravante, o *New Deal* não tinha obtido a tão necessária elevação dos preços das commodities agrícolas como visto anteriormente, de forma que muitos se recusariam a elevar os níveis de produção com os preços vigentes.

Como o subemprego, a erosão dos solos, os baixos preços, dentre outros, ainda persistiam, os mesmos efetivos do trato com a terra do ocorrido no *New Deal*, exigindo um alto grau de dependência dos agricultores via subsídios e uma forte regulamentação por parte do Estado enquanto a participação na guerra não atingia seu ápice.

Outro fator agravante era a redução do número de trabalhadores no campo, que se dirigiam para as indústrias nas cidades, em busca dos altos salários ou eram convocados para o exército. A situação em princípio era preocupante:

“unless we have more manpower and more machinery the food production cannot be maintained. Already serious losses in crop and animal products are imminent; there can be no delay.” (GRANT, 2002. p.180)

Mas, com a guerra declarada, os problemas aos poucos se amenizariam. Em 1943, o governo compraria 80% de todos os cortes da carne bovina de segunda, produzida nos Estados Unidos, 40% de todos os outros tipos de corte, 30% de toda a manteiga, 30% da carne de vitela, 50% das frutas e legumes, o problema da demanda seria assim mais uma vez resolvida pelo governo e o incentivo aos agricultores ampliarem sua produção estava dado.

Mais uma vez também, os lucros da guerra incrementariam o orçamento das grandes corporações, consolidando as estruturas produtivas do país. A empresa Hormel, seria um exemplo:

“Hormel had introduced the canned meat product Spam in the 1930s. It proved to be an ideal combat ration because it could be shipped easily and wouldn't spoil for long periods of time. By mid-war, Hormel was producing 15 million cans of Spam for the troops each week. Net sales doubled. Hormel was buying 1.6 million hogs

each year, and 90 percent of the canned goods were going to the military”
(WESSELS LIVING HISTORY FARM)

O desenvolvimento tecnológico também evoluiria no campo, iniciado com o RA no *New Deal*, permitindo o aumento da produção mesmo com a redução do número de trabalhadores. Novos modelos de máquinas e tratores surgiam para auxiliar os esforços de guerra no campo. Enquanto o *Allis-Chalmers Model "B"* se difundia, na década de 40 novos modelos mais eficientes e atrativos surgem. Em 1942, a própria Ford lançaria seu modelo “*Ford-Ferguson*”, que em curto espaço de tempo já dominaria 20% do mercado, mais de 100 mil seriam vendidos apenas naquele ano. Como afirmaria Milward (1977, p.277): “*the total number of tractors employed in the United States between 1939 and 1946 rose by 11 per cent.*” Permitindo que a produtividade estimada da produção agrícola que crescia à taxa de 0,4% ao ano no período anterior à guerra, eleva-se para 2% ao ano a partir de 1940.

No final da guerra, cerca de um milhão de famílias faziam parte do *Nation Farm Bureau Federation* (que solapara o FSA), revelando o alto grau de integração que surgiria no pós-guerra.

O governo também solicitou a produção individual dos “*Victory Gardens*”, jardins de frutas e vegetais que cada família plantaria como forma de reduzir a pressão do consumo civil sobre a produção de alimentos para consumo militar. Cerca de 20 milhões de americanos atenderam ao pedido, plantando cerca de 10 milhões de toneladas de alimentos.

Dois outros fatores merecem menção. Durante a guerra, o governo construiria 10 novas plantas para produção de amônia, utilizada nos explosivos. Amônia esta que inauguraria a utilização de fertilizantes em massa no campo, elas produziriam 730 mil toneladas de amônia por ano, com uma capacidade de produção de 1.6 milhões.

Os herbicidas foram desenvolvidos em 1944, em mais um exemplo de revolução tecnológica que auxiliou nos esforços de guerra aumentando a produção agrícola e que depois se difundiria para toda sociedade. Estavam lançadas no campo, as bases que auxiliariam o crescimento econômico do país e permitiriam uma profunda transformação na agricultura mundial.

No fim de 1941, a renda agrícola já era maior que qualquer período desde 1929. Entre 1940 e 1945, a renda líquida dos agricultores havia aumentado de 4.4 bilhões para 12.3 bilhões. O agricultor médio passou de um lucro líquido de pouco mais de 700 dólares para mais de 2.063 dólares, mas continuaria com um rendimento médio de 50% menos que o trabalhador urbano.

Tabela 7.: Desemprego nos Estados Unidos 1939 - 1945

ANO	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
TOTAL (Milhões)	9.4	8.1	5.5	2.6	1.0	0.6	1.0
% força de trabalho	17.2	14.6	9.9	4.7	1.9	1.2	1.9

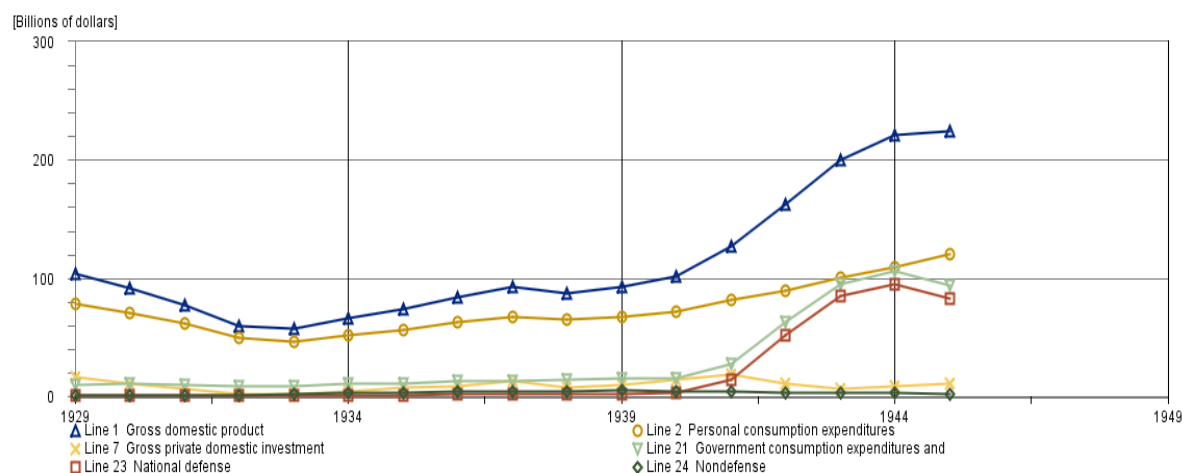
*Fonte: Historical Statistics, op. cit., Part 1, Series D, 85-8, 135, 138. (Apud RENSHAW, 1999. p.344.)

A Guerra não apenas reduziria o nível de desemprego advindo dos tempos de *New Deal* a números ínfimos, mas também, assegurou o emprego para os mais de 3 milhões de novos candidatos a emprego, jovens que atingiram a idade de trabalhar durante o conflito.

Tabela 8.: Crescimento do PIB 1939 – 1945 (Bilhões de dólares)

Line	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
1 Gross domestic product	92.2	101.4	126.7	161.9	198.6	219.8	223.0
2 Personal consumption expenditures	67.2	71.3	81.1	89.0	99.9	108.7	120.0
3 Goods	37.9	40.6	47.4	51.0	56.3	60.5	67.6
4 Durable goods	7.2	8.3	10.3	7.6	7.5	7.7	9.1
5 Nondurable goods	30.8	32.3	37.2	43.4	48.9	52.8	58.5
6 Services	29.3	30.7	33.6	38.0	43.6	48.1	52.4
7 Gross private domestic investment	9.3	13.6	19.1	10.4	6.1	7.8	10.8
8 Fixed investment	9.1	11.2	13.8	8.5	6.9	8.7	12.3
9 Nonresidential	6.1	7.7	9.7	6.3	5.4	7.4	10.6
10 Structures	2.2	2.6	3.3	2.2	1.8	2.4	3.3
11 Equipment and software	3.9	5.2	6.4	4.1	3.7	5.0	7.3
12 Residential	3.0	3.5	4.1	2.2	1.4	1.4	1.7
13 Change in private inventories	0.2	2.4	4.3	1.9	-0.7	-0.9	-1.5
14 Net exports of goods and services	0.8	1.5	1.0	-0.3	-2.2	-2.0	-0.8
15 Exports	4.0	4.9	5.5	4.4	4.0	4.9	6.8
16 Goods	3.3	4.1	4.5	3.4	2.9	3.6	5.4
17 Services	0.6	0.8	0.9	1.0	1.1	1.3	1.4
18 Imports	3.1	3.4	4.4	4.6	6.3	6.9	7.5
19 Goods	2.4	2.7	3.4	2.7	3.4	3.8	3.9
20 Services	0.7	0.7	1.0	1.9	2.8	3.1	3.7
21 Government consumption expenditures	14.8	15.0	26.5	62.7	94.8	105.3	93.0
22 Federal	6.0	6.5	18.0	54.1	86.5	96.9	84.0
23 National Defense	1.5	2.5	14.3	51.1	84.2	94.5	81.9
24 Nondefense	4.5	4.0	3.7	3.0	2.3	2.5	2.1
25 State and local	8.8	8.6	8.6	8.6	8.4	8.4	9.0

Table 1.1.5. Gross Domestic Product



Fonte: BEA – Bureau of Economic Analysis, U.S. Department of Commerce. NIPA – National Income and Product Accounts. Table 1.1.5 Gross Domestic Product Last Revised on December 22, 2010. Disponível em <http://www.bea.gov/national/index.htm>.

Como nota-se, a partir da declaração de guerra a produção americana privilegiará os “bens militares”, os gastos com defesa nacional mais que triplicam em 1942 com relação a 1941, atingindo o ápice de 94.5 bilhões em 1944, o que “puxará” o PIB americano para a caso dos 200 bilhões de dólares, revelando os efeitos da aceleração econômica propiciada pela guerra na esfera macroeconômica. O valor também é simbólico, tanto os gastos do governo em 1943, 1944 ou 1945, representavam, separadamente, mais do que todos os gastos, em conjunto, realizados durante o *New Deal* pelo presidente Roosevelt. O valor total destinado a defesa nacional durante a guerra chegaria a cerca de 330 bilhões de dólares à época. O valor gasto em defesa nacional em 1945 se reduz em comparação a 1944, a guerra chegava a seu fim.

O presidente Roosevelt faleceria em 12 de abril de 1945, em seu último discurso ao Congresso em 6 de janeiro de 1945 diria: *“We Americans of today, together with our allies, are making history - and I hope it will be better history than ever has been made before.”*

Cap III - O LEGADO DA GUERRA

É chegado o momento de visualizar em ampla perspectiva as principais transformações engendradas durante a Segunda Guerra Mundial que permitiram a consolidação do poder norte-americano em esfera mundial.

Findo o conflito o modelo americano se converteria em modelo dominante por todo o globo, toda sua economia fora reativada e elevada a um novo patamar, os Estados Unidos estavam prontos também para usar sua força com o intuito de “proteger” o mundo da ameaça soviética que ameaçava surgir.

Na seção III.1. é alargado o escopo de análise para compreender os processos em sua totalidade; na seção III.2. é feita uma perspectiva da guerra, contextualizando-a na historiografia geral das guerras do país; na seção III.3. são tratadas mais algumas transformações que a guerra propiciou na sociedade americana, e, por fim, na seção III.4 é rapidamente contextualizada a situação internacional que se encaminhava com o fim da guerra.

“You know as well as we do that when we are talking on the human plane questions of justice only arise when there is equal power to compel: in terms of practicality the dominant exact what they can and the weak concede what they must”

Thucydides,

The Peloponnesian War, 431 B.C

III.1. – ALARGANDO AS FRONTEIRAS

No capítulo 2 foram analisadas as principais transformações macro e micro-econômicas que permitiram aos Estados Unidos consolidarem sua posição como nova potência mundial, destacando sua efetividade no campo militar. Agora é chegado o momento de alargar o escopo de análise destas variáveis, para visualizar o significado dessas transformações em sua totalidade, para a constituição do poderio americano no pós-guerra.

Como bem destacado por McCormick em relação ao papel dos Estados Unidos na guerra, *"They fought the war not simply to vanquish their enemies, but to create the geopolitical basis for a postwar world order that they would both build and lead."* (McCormick, 1995. p.33)

Com a superioridade econômica, militar e tecnológica conquistada durante a guerra, os Estados Unidos redesenhariam a ordem global.

“Assim como, cada vez mais, o governo do *New Deal* assumiu responsabilidade ativa sobre o bem-estar da nação, os planejadores da política externa norte-americana assumiram responsabilidade cada vez maior pelo bem-estar do mundo... O país não podia se isolar dos problemas mundiais. Além disso, como em termos nacionais, não poderia selecionar e escolher os melhores problemas, distinguindo política de economia, segurança de prosperidade, defesa de bem-estar. No léxico do *New Deal*, assumir responsabilidade significava intervenção governamental em grande escala.” (ARRIGHI, 2008. p.162)

E será calcado nesta nova configuração, utilizando como instrumentos um keynesianismo militar e social, que se iniciará uma das maiores expansões da história do capitalismo e o retorno da lucratividade.

Como o historiador Eric Hobsbawm afirmaria sobre essa “era de ouro⁸” do capitalismo mundial :

“De início, essa espantosa explosão da economia pareceu apenas uma versão gigantesca do que acontecia antes; por assim dizer, uma globalização da situação dos EUA pré-1945, tomando esse país como um modelo de socialidade industrial capitalista. E de certa forma era mesmo.

⁸ Termo designado pelo autor para caracterizar o período de elevado crescimento econômico dos anos 50 e 60.

(...) Muito do grande boom mundial foi assim um alcançar ou, no caso dos EUA, um continuar de velhas tendências. O modelo de produção em massa de Henry Ford espalhou-se para indústrias do outro lado dos oceanos, enquanto nos EUA o princípio fordista ampliava-se para novos tipos de produção, da construção de habitações à chamada junk food.” (HOBSBAWN, 2008. p.259)

De fato, seria quando a indústria do automóvel, dos tratores, da aeronáutica, do petróleo, da petroquímica, dos materiais sintéticos, enfim, toda a vasta gama industrial aperfeiçoada pela guerra, se voltassem para a economia civil é que o grande crescimento ocorreria, sendo responsáveis pela enorme proporção do produto nacional dos grandes países.

A vida cotidiana também se transformou, os avanços tecnológicos transformaram a vida cotidiana, da comida desidratada congelada às viagens ao exterior. O papel do Estado cresceu imensamente, planejando e administrando a economia. Garantindo também a seguridade social, que teve no Relatório *Beveridge* inglês durante a guerra 1942, o seu grande triunfo.

A difusão, essencialmente via emulação, do padrão de desenvolvimento americano, principalmente de seu modelo de produção (fordista), de sua cultura, seu poder, estabeleciam as estruturas sobre as quais repousaria nos anos posteriores a economia e a política internacional por todo o globo.

Somados a esses elementos, uma rede de órgãos internacionais dariam sólidos alicerces ao domínio americano, diferenciando-o em grande medida do anterior inglês, como já destacado anteriormente, sendo fundamentais para a estabilidade do sistema capitalista mundial.

O sistema mundial se equilibraria entre o binômio do *Soft Power* - baseado em um aparato de instituições como o Banco Mundial, FMI, Banco Internacional de Compensações, OTAN - e o *Hard Power* - assentado no poder militar – americano estabelecido.

O sistema monetário seria reformulado por Bretton Woods, o dólar tornar-se-ia a moeda mais utilizada e valorizada do mundo, elevando o poder monetário americano e também beneficiava o país pela senhoriagem.

A guerra cristalizou a posição dos Estados Unidos no cenário mundial. Nas palavras de Harvey (2004. p.53):

“Os Estados Unidos foram concebidos como um farol de liberdade dotado do poder exclusivo de engajar o resto do mundo numa civilização duradoura caracterizada pela paz e pela prosperidade.”

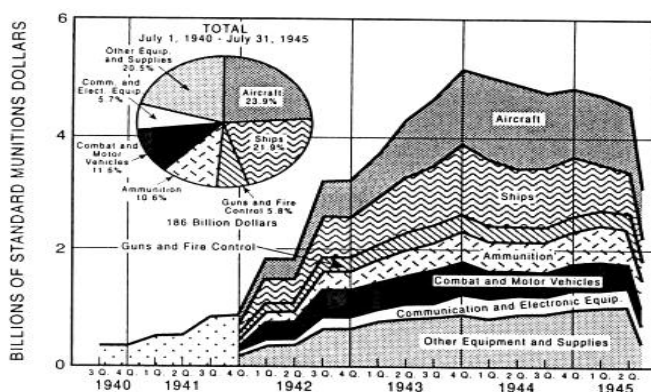
III.2. – A GUERRA, PERSPECTIVAS GERAIS

“Em termos gerais, o EXÉRCITO tem importância no desenvolvimento econômico. Por exemplo, foi no exército da Antiguidade que o *salaire* (sistema salarial) foi desenvolvido. [...] Aí também se vê o primeiro uso de máquinas em grande escala. Até o valor especial dos metais e seu USO como dinheiro parece ter se baseado originalmente [...] em sua importância na guerra. Mais uma vez, a divisão do trabalho *dentro* de um setor foi praticada primeiro pelos exércitos. (JOHNSON apud ARRIGHI, 2008. p.273,274)”

Mas tal importância, ressaltada no trecho, estaria longe da importância desempenhada na Segunda Guerra Mundial, uma vez que o exército espelhava o grau de “opulência” da nação, ao molde smithiano do capítulo 2.

No espaço de 5 anos, os Estados Unidos produziram cerca de 300 mil aviões, 86 mil tanques, 320 mil peças de artilharia, 15 milhões de armas portáteis, mais de 4 milhões de toneladas de munição, sem esquecer 2,5 milhões de caminhões 600 mil jeeps e 122 mil tratores. Os estaleiros lançaram mais de 8 milhões de toneladas de navios de guerra, sendo 2 milhões destinados ao desembarque, mais de 5 mil navios. (MASSON, 2010. p.312)

Gráfico 4.: Produção americana de munições. Julho de 1940 – Julho 1945

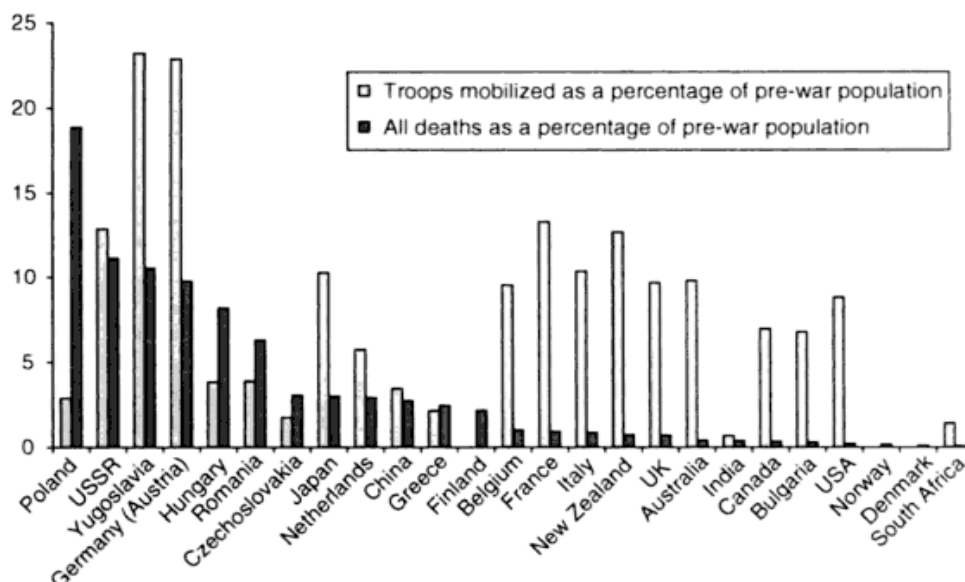


Fonte: GROPMAN, 1996. p.95.

Em comparação, a nação que confrontaria a autoridade americana no pós-guerra, a União Soviética, tinha produzido em quatro anos, cerca de 120 mil aviões, 100 mil tanques, 1,2 milhões de metralhadoras, 15 milhões de armas individuais, embora nem todos de excelente qualidade. (MASSON, 2010. p.319)

Mas será no número de mortes que a diferença entre os sistemas americano e soviético se faria sentir:

Gráfico 5.: Mortes na guerra em relação ao pessoal mobilizado para tal



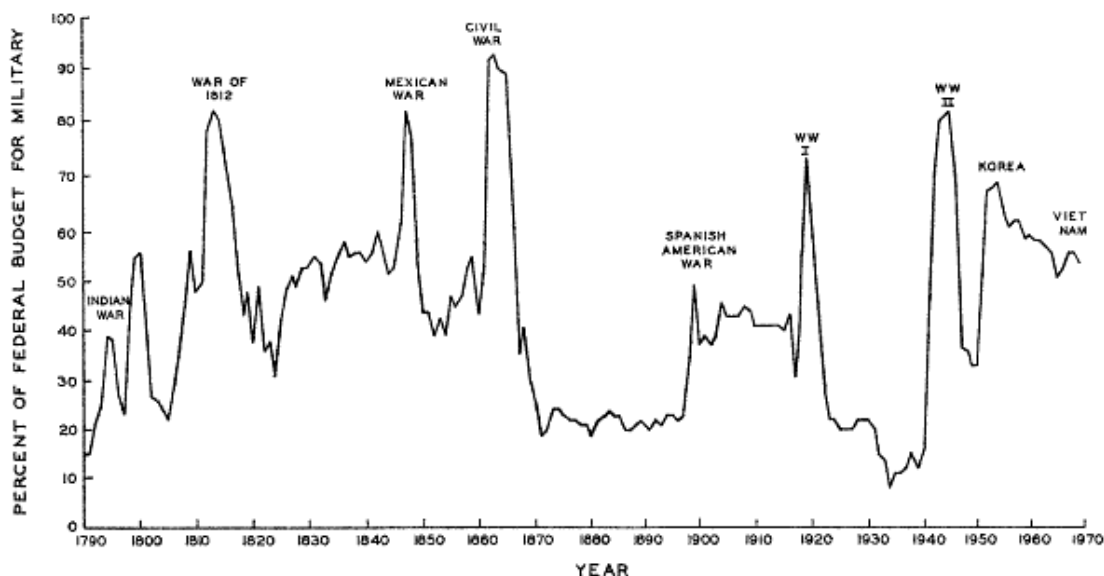
Fonte: ALDCROFT e OLIVER, 2008. p.121.

Findo o conflito, as mortes não se revelariam tão catastróficas assim pelo lado americano. Os Estados Unidos conquistaram a vitória com perdas que chegavam a apenas 300 mil homens, em todas as frentes; três vezes menos que as do Império Britânico, quinze vezes menos que as da Alemanha e de trinta a quarenta vezes menos do que as da União Soviética.

De fato, como pode ser visto no gráfico, as perdas americanas na guerra seriam menores do que 1% do total de seu pessoal mobilizado, as palavras de Galbraith, “apenas uma minoria da população conheceu os tormentos da saudade de casa, o medo, os sofrimentos físicos, as mutilações, a morte...” (GALBRAITH, 2008. p.61) fariam todo sentido, a guerra seria menos traumática que a Grande Depressão.

Esses dados comprovam a eficiência da máquina de guerra norte-americana, destinada a sacrificar equipamentos e máquinas ao invés de homens, extremo oposto do caso soviético em outro nível de desenvolvimento.

Gráfico 6.: Gastos do Governo destinados a guerra ao longo da história do país (%)



Fonte: LIEBERSON, 1971. p.574.

Como se pode visualizar pelo gráfico, a Segunda Guerra Mundial constitui, na verdade, na volta aos velhos gastos militares que estiveram por trás do desenvolvimento da nação desde sua gestação, quebrando o mito de que o investimento na indústria bélica era fruto apenas do século XX. Mais relevante ainda, os altos gastos militares em períodos antecedentes estavam entrelaçados a uma determinada capacidade da máquina de geração de fundos para o aparelhamento bélico, dentro dos limites da economia do país no período. Dito isto, pode-se mensurar o enorme impacto causado pela Segunda Guerra Mundial em sua demanda numa economia em seu ápice.

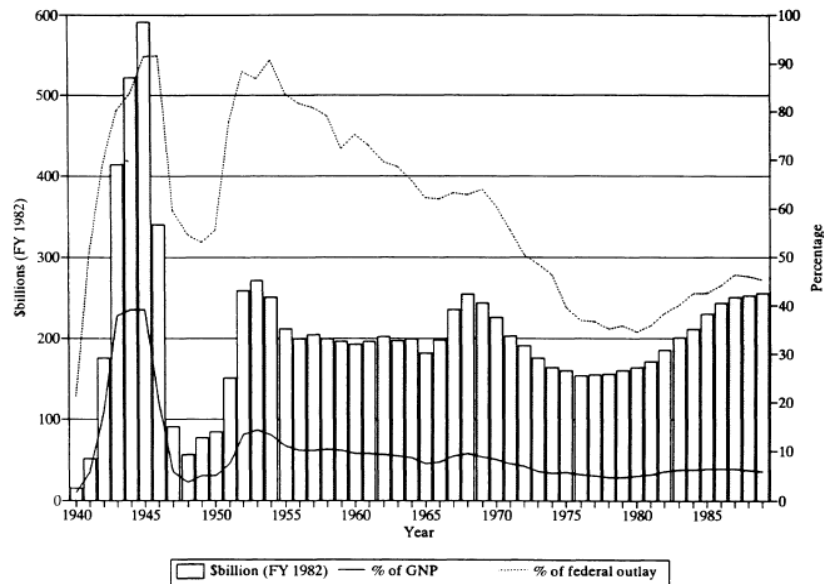
O período do *New Deal* constituiu o menor da história norte-americana em gastos militares. As guerras sempre se constituíram em elemento de progresso, sendo o período pós-guerra, o período de conversão aos padrões de paz, marcado pelas políticas de distribuição de renda implícitas ou explícitas, que tornam-se regra, devido as pressões dos grupos “responsáveis” pela vitória durante os tempos de guerra.

Terminado o conflito, os gastos militares não voltariam a seus níveis de paz pré-Segunda Guerra Mundial. A ascensão do complexo militar-industrial⁹ (em grande medida estimulado e incentivado pelo governo) a partir do pós-guerra seria decisivo para esta nova fase da política econômica norte-americana, estava constituído o alicerce do poder militar, um dos quais sobre o qual repousaria o domínio norte-americano pós-

⁹ Baseia-se na busca de sinergias positivas entre a produção industrial e a necessidade militar, para a confecção de armas em quantidade e qualidade elevadas.

guerra. A guerra sempre foi e continuaria sendo o fator chave para o desenvolvimento do país.

Gráfico 7.: Gastos do Governo em defesa (Bilhões)



Fonte: HOOKS e MCLAUCHLAN, Gregory, 1992. p.769.

Se os esforços do governo residiam na produção bélica, em outras áreas, consequentemente, esse esforço teria que se reduzir.

Gráfico 8.: Gastos em assistência social em relação ao total gasto do Governo 1929 – 1965 (%)



Fonte: CLAYTON, 1976. p.376.

O aumento dos gastos militares jogaria por terra muitos dos esforços que o presidente Roosevelt fizera durante o *New Deal*, os gastos com bem-estar social caem bruscamente. Diversas das agências criadas durante o *New Deal* são extintas ou muito reduzidas¹⁰, seus orçamentos são desviados para a indústria bélica.

Apesar disso, a guerra propiciou a consolidação dos Estados Unidos em diversas questões estratégicas como visto, engendrando o progresso no período de pós-guerra, onde uma combinação entre *New Deal* e complexo industrial-militar agiriam juntos conduzindo o país ao progresso.

Por último, torna-se importante fazer referência a um fator citado por Stálin quando em sua negociação com os finlandeses em 1939: “Não se pode fazer nada a respeito da geografia”. (HASLAM, 2006. p.267)

Sob este ponto, a descrição contida em Arrighi sintetiza os fatos:

“O que faltava de insularidade ao canal da Mancha por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o oceano Atlântico ainda proporcionava. Os Estados Unidos haviam ficado extraordinariamente protegidos da guerra hegemônica em 1914-45. Além disso, à medida que a economia mundial se desenvolveu e a inovação tecnológica continuou a superar as limitações da distância, essa economia passou a abranger todas as partes do mundo. Assim, a localização distante da América tornou-se uma desvantagem menor em termos comerciais. Na verdade, no que o Pacífico começou a emergir como uma zona econômica que rivalizava com o Atlântico, a posição dos Estados Unidos tornou-se central – uma ilha de dimensões continentais, com acesso irrestrito aos dois maiores oceanos do mundo. (Goldstein e Rapkin, 1991, p.946 apud ARRIGHI, 1994. p.62)

Uma marinha bi-oceânica foi construída para enfrentar um conflito em duas vertentes. Tal como a Grã-Bretanha tivera o domínio dos mares, os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial com a maior marinha do mundo, juntamente com bases navais espalhadas pelo globo inteiro, constituindo a base de sua capacidade de redesenhar o sistema internacional. Ninguém iria a lugar algum no mar sem a aprovação norte-americana.

¹⁰ O CCC seria extinto em 1942. O PWA e o WPA em 1943. De fato, em 1939 em virtude da guerra, as diversas agências criadas pelo *New Deal* seriam unificadas no *Federal Works Agency* (FWA), mas com as necessidades da guerra, o ideal que engendrara o *New Deal* ficaria em segundo plano, esta agência seria extinta findo a guerra.

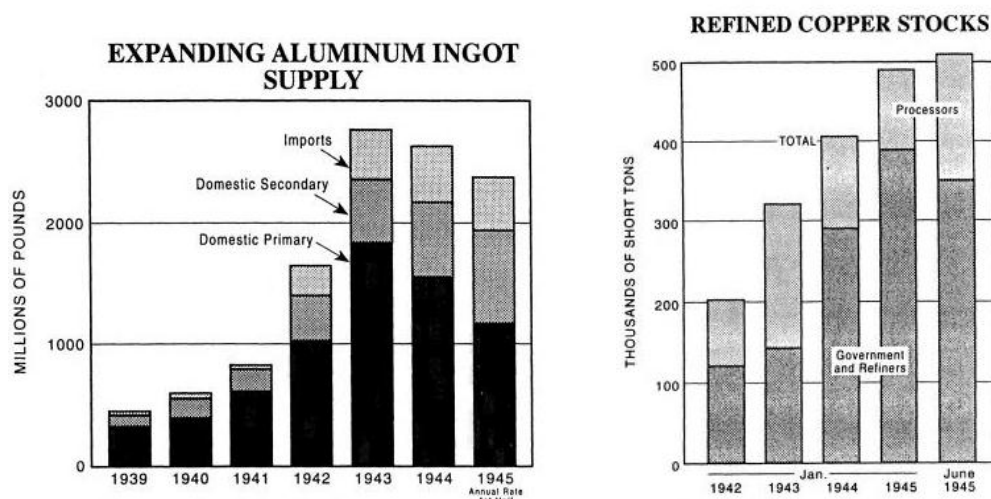
III.3. – TRANSFORMAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS

O ponto nevrálgico da Segunda Guerra Mundial foi que ao ser vencida pelo exército da produção em massa, ela redefiniria o poder da indústria, elevada a seu status mais alto, graças ao controle de novas fontes de matéria-prima e técnicas produtivas.

Ao final do conflito, os Estados Unidos ocupam uma posição econômica dominante, com 60% da capacidade de produção mundial. Protegidos contra desembarques, sem correr o menor risco de bombardeios, puderam, com a implementação de uma economia de guerra, aumentar consideravelmente seu potencial de produção, em uma proporção de 66%.

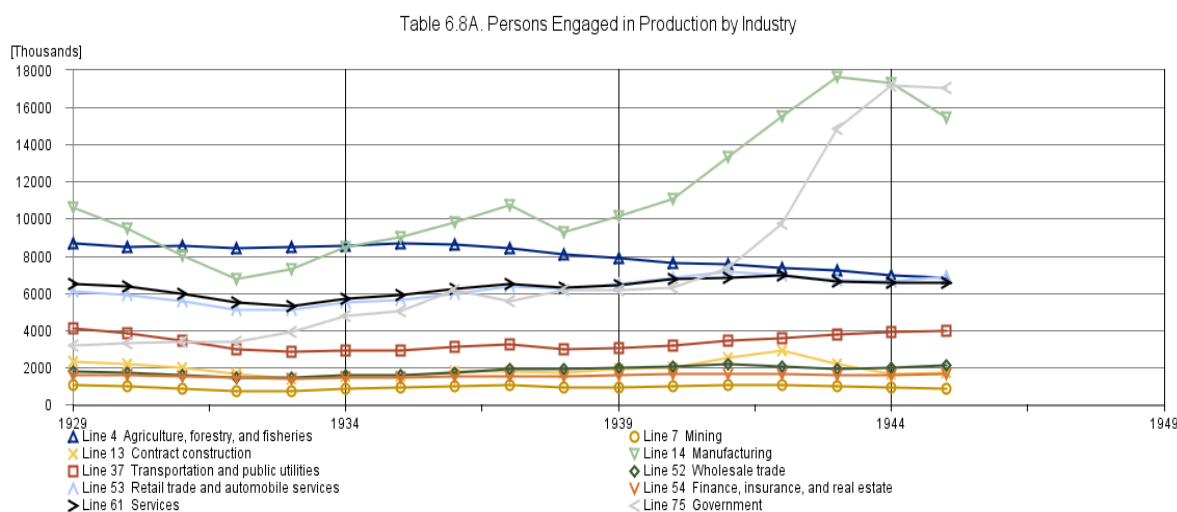
Nos grandes ramos da indústria, que atingem o índice de 208 em 1944 em relação a 1937. A produção de aço ultrapassa assim os 90 milhões de toneladas, contra 47 milhões, a de alumínio atinge um milhão de toneladas, em vez de 190 mil. O aumento da produção de minério de ferro foi da ordem de 100 milhões de toneladas em 1943 contra 27 milhões em 1939. A dos metais não ferrosos cresceu na mesma proporção. A capacidade de produção das maquina-ferramentas aumentou em 650%, a da aparelhagem elétrica em 550%, quanto à capacidade produtiva da indústria automobilística, multiplicou-se por dois e meio.

Gráfico 8.: Produção de alumínio 1939 – 1945 e cobre 1942 - 1945



Fonte: GROPMAN, 1996. p.118.

Gráfico 9.: Trabalhadores engajados na produção por indústria (Milhares)



Fonte: BEA – Bureau of Economic Analysis, U.S. Department of Commerce. NIPA – National Income and Product Accounts. Table 6.8A. Persons Engaged in Production by Industry. Disponível em <http://www.bea.gov/national/index.htm>.

O número de trabalhadores engajados na indústria se elevou principalmente na manufatura (line 14). Os esforços do *New Deal* podem ser visualizados, como pontos de referência, no período entre 1934 e 1939, o número de empregos promovido pelo governo cresce muito em relação à tempos anteriores (line 75), mas torna-se irrisório comparado ao período da guerra, principalmente a partir de Pearl Harbor, quando esse número mais que duplica.

A redução do número de trabalhadores no campo tem início durante os anos do *New Deal*, como visto, favorecendo a concentração de propriedade, e se reduz ainda mais durante a guerra apesar da elevada produção, revelando o intenso processo de mecanização no campo. Tal processo se estenderia a diversas outras indústrias, como visto anteriormente no caso do ferro, cuja produção se expande apesar da não elevação do número de trabalhadores empregados. Outro fator a explicar a elevada produção reside no fato de que o trabalhador, em geral, trabalhou mais horas em seu serviço do que em relação aos anos de *New Deal*, vide os dados dos trabalhadores na manufatura.

Qualquer análise se revelaria falha se não abordasse o principal elemento da vitória norte-americana, não apenas na guerra, mas em sua ascensão à hegemonia, o petróleo.

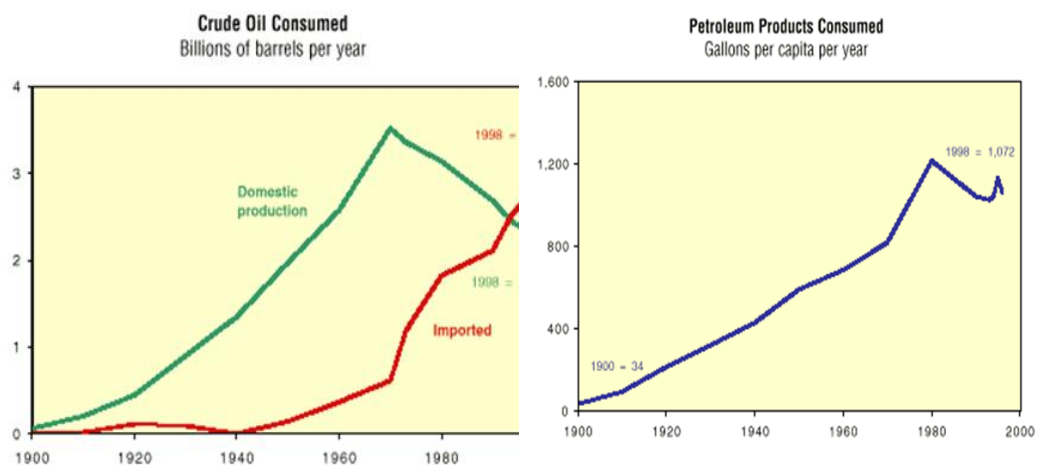
O consumo de energia nos Estados Unidos aumentou de 30 a 40% durante a guerra. Na energia elétrica o desempenho é notável, o *Public Utility Holding Company Act*, estabelecido durante o *New Deal*, em 1935, que regulava a estrutura da indústria de energia elétrica, permitindo a integração física de concessionárias de energia elétrica

para alcançar a maior eficiência da engenharia disponível, permitiu a garantia do abastecimento energético (sua base perduraria até meados da década de 1990). Também seriam extraídas 685 milhões de toneladas de carvão, contra 400 milhões em 1941. A produção de petróleo seria extremamente elevada, passando de 169 para 245 milhões de toneladas no período de 1941 a 1945.

A estabilidade nos preços do petróleo no período pós-guerra, até a década de 70, será fundamental para o progresso registrado no período conhecido como “os anos dourados”. Tal estabilidade começara a ser moldada durante a década de 30, quando os Estados Unidos começaram a conquistar para si as principais reservas internacionais de petróleo e com as políticas do *New Deal*, como visto anteriormente, e se consolidará com a Segunda Guerra Mundial, em grande medida com o poder exercido sobre as nações do Oriente Médio em virtude da expansão das zonas de influência norte-americana, que agora abarcam praticamente todo o globo.

O óleo abasteceria as principais indústrias do pós-guerra, que emergem do ápice da produção em massa alcançada durante a Segunda Guerra Mundial. A produção de automóveis individuais, paralisada durante a guerra, volta com força total, exigindo novamente o incremento na exploração e produção de petróleo inclusive com a expansão nas importações para suprir o mercado americano como no gráfico abaixo. De outro lado, o consumo de produtos derivados do petróleo também aumentaria constantemente. A Segunda Guerra Mundial consolidava assim a nova fonte energética como símbolo da supremacia americana, em detrimento do antigo carvão, símbolo inglês.

Gráfico 11.: Consumo de petróleo/Consumo de derivados do petróleo (1900-2000)



Fonte: CAPLOW; HICKS; WATTENBERG, 2001.

Outro aspectos a se destacar será o aumento do número de empresas transnacionais norte-americanas no mundo. Estendendo seus tentáculos por todo o

mundo, começaram a gerar fortes impactos na economia dessas nações, agindo como um agente intermediário de penetração do sistema legal, da política externa e da cultura de um país em outro.

Um exemplo desta transformação é o da empresa Coca-Cola. Com a entrada na guerra, o presidente da empresa, Woodruff, acompanhando o movimento das tropas estabelece que “a Coca-Cola seja vendida a US\$ 0,05 para todo combatente norte-americano onde quer que esteja – em qualquer parte do mundo! – não importando o quanto custe à empresa.” (*The Coca-Cola Company*) Isso permitiu a difusão do produto em outros continentes, quando do contato com os soldados americanos, de forma que a guerra “possibilitou que a Coca-Cola possuísse 63 engarrafadoras no exterior, em locais como Egito, Islândia, Irã e África Ocidental.” (ESPUNY, 2008. p.1) Inclusive posteriormente no Brasil.

III.3.1. – A TECNOLOGIA

Como o ex-general e então presidente, D. Eisenhower, afirmaria aos líderes do exército em 1946:

“The lessons of the last war are clear. The military effort required for victory threw upon the Army an unprecedented range of responsibilities, many of which were effectively discharged only through the invaluable assistance supplied by our cumulative resources in the natural and social sciences and the talents and experience furnished by management and labor. The armed forces could not have won the war alone. Scientists and business men contributed techniques and weapons which enabled us to outwit and overwhelm the enemy. Their understanding of the Army’s needs made possible the highest degree of cooperation. This pattern of integration must be translated into a peacetime counterpart which will not merely familiarize the Army with the progress made in science and industry, but draw into our planning for national security all the civilian resources which can contribute to the defense of the country.”(SMITH, 1985. p.290)

Se os Estados Unidos demonstraram sua superioridade em relação ao mundo através da produção em massa em sua indústria, “atirando” na guerra uma imensa quantia de material bélico, as “máquinas da morte”, a bomba nuclear simbolizaria a superioridade tecnológica do país.

O cientista Vannevar Bush, na famosa revista *Science – The Endless Frontier*, de julho de 1945, diria a respeito da importância da ciência no mundo moderno:

“the pioneer spirit is still vigorous within this Nation. Science offers a largely unexplored hinterland for the pioneer who has the tools for his task. The Reward of such exploration both for the Nation and individual are great. Scientific progress is one essential key to our security as a nation, to our better health, to more jobs, to a higher standard of living, and to our cultural progress” (LINK, 2006. p.17)

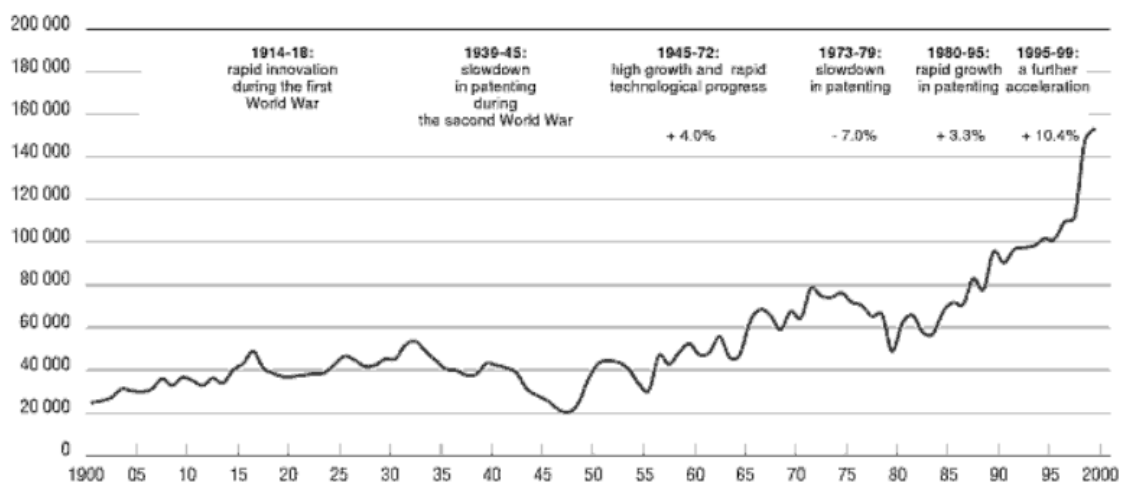
A ciência obtinha sua vitória definitiva.

A tecnologia do rádio é um exemplo, se estenderia durante a guerra, sendo fundamental para o monitoramento de navios e aviões, e das novas bombas acionadas à distância, seriam um novo marco para o país.

Ao final da II Guerra, os EUA detinham a maioria das patentes sobre a tecnologia de transmissão de imagens e o poder coercitivo das redes de *broadcasting* se fez sentir quando da sua regulamentação, em 1945, pela FCC. (FIORI, 2004)

Marcava a consolidação do domínio norte-americano sobre os meios de comunicação, fundamentais para a difusão da imagem e o estilo de vida norte-americano no pós-guerra.

Gráfico 12.: Número de patentes registradas nos Estados Unidos por ano e crescimento por período (1909 – 1999)



Fonte: OECD, 2000. p.101.

A guerra se mostrou muito favorável à inovação tecnológica nos Estados Unidos. Apesar da queda registrada no número de patentes durante a Segunda Guerra Mundial - muitos novos projetos eram então lançados - ela abria espaço para um maior esforço de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, tanto bélicos quanto civis no pós-guerra.

De fato, com grande parte dos laboratórios e centros de pesquisa europeus destruídos, total ou parcialmente, pela guerra, os Estados Unidos assumem a ponta da inovação tecnológica, com maiores investimentos tanto público quanto privado, apresentarão ao mundo seu “*dominant design*”¹¹, a ser seguido. Eles estarão por trás do forte crescimento no número de patentes registrado entre 1945-1972.

A Marinha Americana será outro exemplo, durante a guerra, ela utilizou quatro principais meios para executar seus programas de desenvolvimento e inovação. Ela realizou trabalhos em seus próprios laboratórios; contratou cientistas e engenheiros das universidades; por vezes contratou instituições de pesquisa não acadêmicas para realizarem o programa; ou deixou que a iniciativa privadas resolve-se o necessário. Após a guerra, assim como o exército e a aeronáutica, ela voltou seus esforços para as fases iniciais de pesquisa, de forma a constituir em seu quadro um grupo de novos cérebros capazes de pensar as inovações em termos militares, era a confluência do complexo industrial-militar-acadêmico.

Neste contexto, os preceitos lançados pela *Science – the Endless Frontier*, constituirão o caminho seguido por todo o desenvolvimento científico no pós-guerra.

“Progress... depends upon a flow of new scientific knowledge

Basic research leads to new knowledge. It provides scientific capital. ... New products and new processes do not appear full-grown. They are founded on new principles and new conceptions, which in turn are painstakingly developed by research in the purest realms of science

The responsibility for the creation of new scientific knowledge... rests on that small body of men and women who understand the fundamental laws of nature and are skilled in the techniques of scientific research

A nation which depends upon offers for its new basic scientific knowledge will be slow in its industrial progress and weak in its competitive position in world trade, regardless of its mechanical skill

The government should accept new responsibilities for promoting the flow of new scientific knowledge and the development of scientific talent in our youth

If the colleges, universities, and research institutes are to meet the rapidly increasing demands of industry and government for new scientific knowledge, their basic research should be strengthened by use of public funds

Therefore I recommend that a new agency for these purposes be established.”
(LINK, 2006. p.18)

¹¹ Design dominante, que dita o padrão tecnológico à ser seguido.

O desenvolvimento tecnológico durante a guerra em busca da “arma superior” conduziria ao advento da arma nuclear, talvez a maior alteração para do período pós-guerra. Os medos e incertezas de uma “paz armada” acometeriam o mundo todo.

III.3.2 – A VIDA CIVIL

Tabela 9.: Consumo das famílias urbanas americanas, anos selecionados.

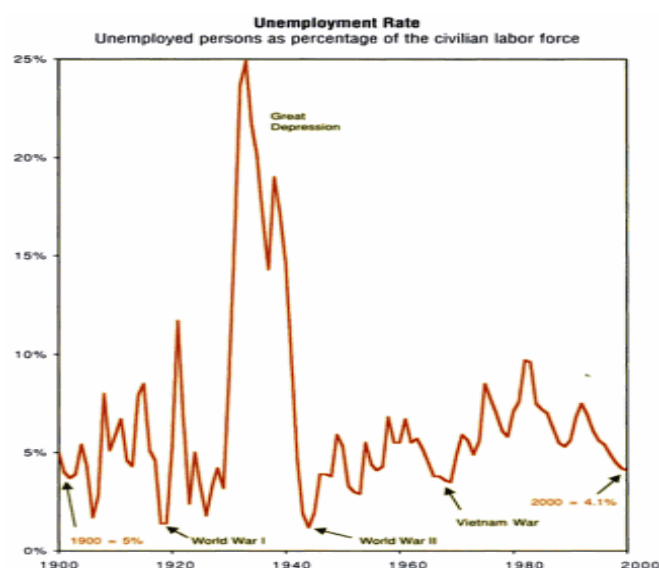
Item	1901	1917-19	1934-36	1950
Consumption expenditures	\$791	\$1.353	\$1.463	\$3.925
Food and alcoholic beverages	340	556	508	1.275
Shelter	111	187	259	415
Utilities, fuels and public services	41	74	108	163
Household operations	-	37	58	155
Household furnishings and equipment	26	62	60	278
Apparel and services	107	238	160	453
Vehicle expenses	-	16	87	472
Public transportation	-	26	38	69
Health care	21	64	59	200
Entertainment and reading	21	44	53	211
Personal care	-	14	30	91
Education	-	7	7	17
Miscellaneous (sundries)	124	27	36	126

Fonte: JACOB e SHIPP, 1990. p.22.

A mudança nos hábitos de consumo revelariam a grande mudança propiciada pela guerra. Durante a década de 30 em consequência da Grande Depressão, o consumo durante o *New Deal* se mostraria ainda muito semelhante ao do período da Primeira Guerra Mundial. A grande diferença ocorreria na redução dos gastos com alimentação, que passam a representar 34.7% do orçamento em 1934-36, em contraste com 41.1% durante 1917-19, e continuariam a cair ao longo do tempo, o que liberava parte dos gastos para a compra de outros bens. Em 1950, a prosperidade reinava na economia americana, com um aumento de mais de 250% dos gastos em consumo, em relação ao período do *New Deal*, a sociedade do consumo norte-americana se sobressaía em meio às outras nações.

De 1940 a 1945, a produção de *Hollywood* será imponente, e as grandes companhias, *Metro Goldwyn Mayer*, *Paramount* ou *Fox* dobram ou triplicam seus lucros. A frequência às salas atinge um nível recorde. Gastos com entretenimento e outros começam a fazer parte da vida do cidadão comum, como a frequência a teatros, bares e restaurantes que também atingem nível recorde. (MASSON, 2003. p.415)

Gráfico 13.: Desemprego nos Estados Unidos



Fonte: CAPLOW; HICKS; WATTENBERG, 2001.

Os números do desemprego já foram tratados anteriormente, resta agora, visualizar em perspectiva totalizante e o momento singular que a guerra representou. De 1941 a 1945, com o desaparecimento quase completo do desemprego e aumentos de salário superiores aos dos preços, a melhoria do poder de compra chega a 25%. Apesar das restrições, o volume dos negócios aumenta em 12%. De fato, todos os indicadores estão em alta. A população passa de 132 a 140 milhões de habitantes, os lucros das empresas de 2 a 8,5 bilhões de dólares, o produto interno bruto de 90 a 213 bilhões. A melhoria mais espetacular é a do rendimento rural com um aumento de 250%. (MASSON, 2003. p.440)

Tabela 10.: Crescimento de cidades americanas, 1940 – 1945 (milhões)

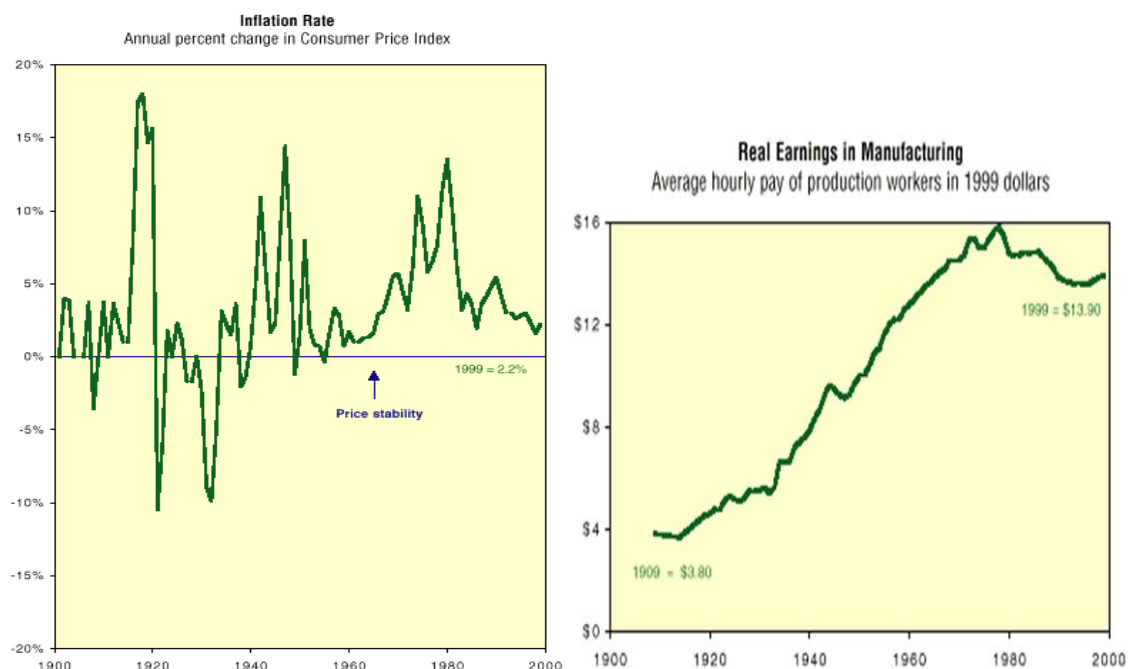
	1940	1941	1942	1943	1944	1945	% growth (1940-1945)
Washington	1.7	1.8	1.9	2.1	2.1	2.3	35.3%
Oregon	1.1	1.1	1.1	1.2	1.3	1.3	18.2%
Califórnia	7.0	7.4	8.0	8.5	9.0	9.5	35.7%

Fonte: Economy History Association, 2010.

A guerra também gerou um redimensionamento geográfico. As principais cidades, principalmente as da costa americana, como é o caso das visualizadas na tabela anterior, que cresceram em ritmo acelerado graças, dentre outros fatores, ao grande influxo de trabalhadores vindos do campo em busca de salários mais altos na indústria da guerra. Tais cidades contavam com a proximidade de portos, para exportação de mercadorias e estradas que permitiam o escoamento da produção com grande

velocidade além de facilitar a circulação de pessoas, frutos advindos dos tempos de *New Deal*.

Gráfico 14.: Inflação e ganhos na manufatura



Fonte: CAPLOW; HICKS; WATTENBERG, 2001.

Em 1941, a subida dos preços já havia chegado a 10%, ultrapassando 15% no ano seguinte. Para deter o avanço da inflação, o presidente aceita a criação de um comitê suplementar, o *Office of Economic Stabilisation*, dirigido por Byrd. Os resultados são satisfatórios. Os controles de preços, a redução das taxas de juro para valor mais baixo de todos os tempos, e campanhas para incentivar a poupança conseguiram evitar a inflação galopante. Com o período 1935-1939 como uma base de 100, em 1945 o índice do custo de vida situava-se em 128,4, com a maioria da inflação ocorridos em 1941 e 1942. De fato, as incertezas da guerra jogaram a favor da subida dos preços no início, e conforme chegava a conclusão desta, os níveis regrediriam.

Durante a guerra a associação sindical atingiria os níveis mais altos de sua história.

Em 1945, de um total estimado de 29 milhões de trabalhadores americanos, nas ocupações em que os sindicatos eram fortes e atuantes, cerca de 13.800 estavam cobertos por contratos coletivos de trabalho, ou 48% do total. Nas indústrias de transformação, tal índice chegava a 67% e na indústria automotiva era ainda mais alto. (MASSON, 2003. p.233)

Gráfico 15.: Sindicatos e Horas de trabalho na manufatura



Fonte: CAPLOW; HICKS; WATTENBERG, 2001.

Eram as bases de uma nova ordem corporativa, que redesenhariam a economia americana no pós-guerra. Embate entre o longo prazo e os benefícios em curto prazo por pressões políticas.

“O desastre pode vir por acidente, mas a prosperidade, no mundo moderno, só pode advir do planejamento, que deve começar desde já. Os empresários pedem o fim da intervenção do Estado, mas não provaram que deixaram para trás suas crenças e práticas que causaram a Depressão dos anos 30. Sua visão ainda é muito estreita para abarcar o bem-estar de todo o povo.” (LIMONCIC, 2009. p.235).

O Estado intervencionista, que fizera sua aparição durante o *New Deal*, saía da guerra assim fortalecido,

Fato importante a ser notado, reside em que as horas de trabalho nas principais indústrias como registrado no segundo gráfico corresponderiam à mesma quantidade (ou até mesmo inferior) registrada nos momentos de pujança econômica pré-depressão. O mito de trabalhos excessivos durante a guerra não seria a regra como visto. Após a guerra o aparato social será implantado pela maioria dos Estados como visto na introdução, criando uma zona de estabilidade por volta de 8 horas diárias.

Como bem destacaria Higgs sobre o papel desempenhado pela guerra na economia norte-americana:

“First, everybody with a desire to work was working. After more than 10 years of persistently high unemployment and the associated insecurities (even for those who were working), full employment relieved a lot of anxieties. (...) Second, the national solidarity of the war effort, though decaying after the initial upsurge of December 7, 1941, helped to sustain the spirits of many who otherwise would have been angry about the shortages and other inconveniences. For some people the wartime experience was exhilarating even though, like many adventures, it entailed hardships. Third, some individuals (for instance, many of the black migrants from the rural South who found employment in northern and western industry) were better off (...) Fourth, even if people could not buy many of the things they wanted at the time, they were earning unprecedented amounts of money. (HIGGS, 1992. p.56)

III.4. – A POLÍTICA EXTERNA

Como afirma Fiori (2004. p.32):

“Neste ponto há que ter atenção porque a preparação das guerras mobiliza e multiplica recursos, enquanto que as guerras, propriamente ditas, destroem recursos e capacidade produtiva. Mas o importante é o resultado final, isto é, o aumento do poder dos vitoriosos e, como consequência, todo tipo de concessões monopólicas depois cedidas ao capital, pelo poder político.”

Embora no caso norte-americano na Segunda Guerra Mundial não ter ocorrido destruição da capacidade produtiva, ao contrário, é ampliada como visto, o restante da análise é válido. De fato, um dos pilares do presente trabalho residiu em mostrar que durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo os “sacrifícios” da sociedade americana foram ínfimos perante aos fins alcançados.

Durante a guerra um conjunto de Conferências ocorrem entre as nações mais poderosas do globo, para a construção da nova ordem global. Em tais eventos, o poder de ditar os termos da agenda de discussões pende sobremaneira para o lado norte-americano, revelando a aceitação das demais nações à nova potência, ressalvas feita à posição soviética, que sai da guerra fortalecida, mas essa discussão transcende os objetivos do presente trabalho.

Sem adentrar em muitos detalhes no campo político, alguns pontos são fundamentais ressaltar para a melhor e total compreensão do presente trabalho, como os elucidados a seguir.

III.4.1. - CONFERÊNCIAS

Na época, a conferência de Teerã figurou como um dos mais importantes marcos das novas relações de poder, lançando as diretrizes que conduziriam a também famosa, conferência de Yalta. Por ser realizada ainda durante a guerra, 1943, quando o esforço soviético de guerra era o maior, muitas concessões eram dadas a Stálin, o reconhecimento do poder da União Soviética, era o primeiro passo para a nova configuração mundial que surgiria findo o conflito.

Tal nova configuração do poder pode ser simbolizada na cerimônia durante o período em Teerã, em que Churchill entregou a espada de Stalingrado ao líder soviético, no hall da embaixada. Fora um presente do rei George VI ao povo de Stalingrado, como reconhecimento por sua extraordinária tenacidade e valentia, durante o cerco de sua cidade. Gravadas a ácido na lâmina de 36 polegadas, estavam as palavras: Aos cidadãos de coração de aço de Stalingrado, um presente do rei George VI, como prova de homenagem ao povo britânico. (REES, 2009. p.296)

Em Teerã, Roosevelt exporia em linhas gerais seus conceitos de uma organização, baseada nas Nações Unidas, visando a preservação da paz mundial. Essa organização seria composta de três partes principais:

Primeira – uma assembléia integrada por todos os membros das Nações Unidas, que se reuniria em diferentes locais, em épocas determinadas, para a discussão dos problemas mundiais e respectivas soluções.

Segunda – um comitê executivo, composto de representantes da URSS, dos Estados Unidos, do Reino Unido e da China, além de duas nações européias, uma sul-americana, uma do Oriente Médio, uma do Extremo Oriente e uma dos domínios britânicos. Esse comitê executivo trataria de todas as questões não militares: economia, alimentação, saúde, etc.

Terceira – o terceiro componente da organização, tal como concebida por Roosevelt, era o que ele denominava de “Os Quatro Guardas” – URSS, Estados Unidos, Reino Unido e China. Como o nome indica, esse órgão teria função executiva, com poderes para enfrentar imediatamente qualquer ameaça à paz ou situação de emergência.

Também foram discutidas as datas da Operação Overlord, a efetiva segunda frente tão desejosa pelos soviéticos.

Em setembro de 1944 seria realizada a conferência de Quebec (a 2ª). Nela seria apresentado, pelo secretário do Tesouro norte-americano, Henry Morgenthau, o plano com seu nome destinado a Alemanha após a guerra, no qual se determinava que:

- 1) A Alemanha deveria ser dividida em dois Estados independentes.
- 2) As grandes regiões industriais e de mineração, incluindo Saar, Ruhr e Alta Silésia deviam ser internacionalizadas ou anexadas por nações vizinhas.
- 3) Toda indústria pesada seria desmontada ou destruída.

Reduzindo a Alemanha a um país agrícola, como desejava Stalin.

O Plano nunca se efetivaria, o vácuo que a “extinção” da Alemanha deixaria, representava um grande temor aos Estados Unidos de que a União Soviética viesse a preencher.

O segundo ponto discutido nesta conferência também é de extrema valia, se fixou a continuidade do programa do *Lend-Lease* dos Estados Unidos à Grã-Bretanha (foram garantidos 6,5 bilhões de dólares), evidenciando a completa decadência do poder inglês após a guerra.

III.4.2. – BRETTON WOODS

Sem entrar em profundos debates em tema já vastamente tratado pela literatura mundial, cabe aqui apenas mencionar que todo o sistema financeiro e monetário internacional é reconstruído durante a Segunda Guerra Mundial. O câmbio fixo tornava-se ajustável; aceitavam-se controles para limitar os fluxos de capital internacional e uma nova instituição, o Fundo Monetário Internacional (FMI), foi criada para monitorar as políticas econômicas nacionais e oferecer financiamento para equilibrar os balanços de pagamentos de países em situação de risco.

A determinação de um padrão câmbio-ouro, criaria uma situação assimétrica para os Estados Unidos, detentores de 2/3 das reservas mundiais de ouro, resultantes do grande fluxo que tem início nos tempos do *New Deal* e que se intensificam durante a guerra. De forma que encerrado o conflito, o dólar assume posição predominante como moeda internacional.

Fim da guerra, entre 1939 e 1945 a *Commonwealth* e o Império britânico tinham acumulado saldos em libras em troca do fornecimento de produtos alimentícios e matérias-primas para a máquina de guerra britânica. Ao final dos combates, os saldos em libras no exterior passavam de 3,5 bilhões, ou seja, um terço do PIB do Reino Unido. (EICHENGREEN, 2000. p.143) Em 1945, com os acordos de Potsdam, a Alemanha seria reconhecida como unidade econômica, após a morte do presidente Roosevelt em 1945, o novo presidente Truman e Churchill acertariam com Stálin uma restrição ao nível da indústria alemã em cerca de 50 ou 55% de seus níveis de 1936 e a remoção de toda a maquinaria excedente, a título de reparação de guerra. E depois, lançaria o *European Recovery Programme*, que tomou o nome do secretário de Estado americano, George Marshall, seu idealizador. O Plano Marshall injetaria nos países da Europa Ocidental, entre 1945 e 1952, o montante de US\$ 32 bilhões de dólares. (BANDEIRA, 2006. p.152-153)

O papel desempenhado por esse plano americano seria bem destacado por Schurmann:

“The essence of the New Deal was the notion that big government must spend liberally in order to achieve security and progress. Thus postwar security would require liberal outlays by the United States in order to overcome the chaos created by the war. Aid to... poor nations would have the same effect as social welfare programs within the United States—it would give them the security to overcome chaos and prevent them from turning into violent revolutionaries. Meanwhile, they would be drawn inextricably into the revived world market system. By being brought into the general system, they would become responsible, just as American unions had during the war. Helping Britain and the remainder of Western Europe would rekindle economic growth, which would stimulate transatlantic trade and, thus, help the American economy in the long run. America had spent enormous sums running up huge deficits in order to sustain the war effort. The result had been astounding and unexpected economic growth. Postwar spending would produce the same effect on a worldwide scale”. (SCHURMANN, 1974. p.67)

Uma Europa recuperada, com um mercado revitalizado, também eram elementos fundamentais para a difusão do “modelo americano” de produção em massa, citado no início do capítulo, como afirma McCormick (1995. p.79): *“It had to be organized into an integrated market ‘big enough to justify modern methods of cheap production for mass consumption.’”*

Evidenciados, assim, foram os principais elementos de transformação nos Estados Unidos e no mundo moderno pela Segunda Guerra Mundial, que permitiram o erguimento dos Estados Unidos como a nação mais poderosa do globo na metade do século XX.

CONCLUSÃO

Adentrando os momentos derradeiros do presente trabalho, cabe aqui realizar um aparato geral dos elementos apresentados no transcurso desta monografia.

Como visto, a Segunda Guerra Mundial constitui-se em um ponto de inflexão para o capitalismo americano. A partir desta, o país pôde em um primeiro momento (1939 – 1941) retomar seu ritmo de crescimento advindo de tempos anteriores à Grande Depressão, e, posteriormente (1942 – 1945), reafirmar sua posição como a maior economia do globo, passando a utilizar de seus artifícios econômicos, políticos e sociais para se inserir e coordenar o ordenamento político internacional.

Isto será possível, graças as particularidades de uma guerra moderna, onde a vitória repousava no poderio econômico - refletido nas modernas máquinas de guerra – trabalhando em simbiose com o ordenamento social, criando um cenário ímpar, propício à mudanças.

Durante a guerra, o país permaneceu com sua capacidade produtiva e suas instalações intocadas pelos ventos nefastos do conflito, que não levaram ameaça ao solo americano. Fator este, que somado ao elevado crescimento interno na indústria, consolidam a vitória do modelo de produção fordista do país, difundido por toda a indústria, civil e militar.

Já durante a guerra as principais empresas do país estenderiam seus tentáculos por todo o globo, aumentando o controle sobre matérias-primas necessárias, buscando o maior retorno para seu capital investido, e, assim, alterando a paisagem econômica mundial.

As liberdades sociais foram garantidas, como tornou-se contante no presente trabalho, buscou-se evidenciar como a guerra foi benéfica para amplas margens da sociedade americana, retirando-os das trevas da Grande Depressão, que assolara o país durante a década de 30.

O poder militar, irremediavelmente expandido pelas necessidades da guerra, tornar-se-á um dos pilares fundamentais do sistema internacional engendrado pelos Estados Unidos. A guerra vem não só a conduzir o país da 16ª para a 1ª posição no ranking das potências militares, bem como, cria o arcabouço ideológico (“a arma superior”) e institucional (complexo militar-industrial) que permitirá à nação permanecer nesta posição ao longo dos anos.

E o elemento fundamental nessa consolidação do poder militar norte-americano, passa, invariavelmente, pelo progresso no campo do conhecimento e instrução, acarretando a melhoria tecnológica. Os progressos científicos reverteriam à sociedade civil um inestimável valor quando em tempos de paz. Mas mais do que isto, como visto, a expansão do conhecimento científico torna-se um dos pilares do desenvolvimento do país, o que consolida os centros de pesquisa e universidades norte-americanas como as instituições “de ponta” do capitalismo mundial.

Com sua economia fortalecida, tendo sua moeda transfigurada em moeda padrão internacional, sustentada em forte acúmulo de ouro durante o período, os Estados Unidos ordenariam o sistema econômico mundial, consolidado em Bretton Woods. As nações européias, destruídas pela guerra, necessitariam do apoio norte-americano para sua reconstrução. Recuperando a economia destes países, o crescimento econômico estimularia o comércio internacional, estimulando a economia norte-americana no longo prazo. Comércio este, assegurado pela marinha norte-americana fortalecida pela guerra.

Com a Europa esgotada pelo conflito, tanto em termos econômicos quanto políticos, o mundo presenciou a ascensão de uma economia revigorada pela guerra, a norte-americana, concebida como símbolo da vitória, e modelo a ser seguido pelas demais nações do globo

Enfim, cada um dos encadeamentos propiciados pela Segunda Guerra Mundial, reverterá sobre a sociedade norte-americana, servindo para cristalizar a economia, bem como, a posição política do país no mundo.

Das cinzas da guerra, florescia a hegemonia norte-americana.

BIBLIOGRAFIA

ALDCROFT, Derek H.; OLIVER, Michael J. “**Economic Disasters of the Twentieth Century**” Massachusetts: Edward Elgar Publishing Limited, 2008.

ALEXANDER, J. Davidson. “ Military Conversion Policies in the USA: 1940s and 1990s” : **Journal of Peace Research**, Vol. 31, No. 1 (Feb., 1994), pp. 19-33

ANGELL, James W. “Gold, Banks and the New Deal” **Political Science Quarterly**, Vol. 49, No. 4 (Dec., 1934), pp. 481-505.

ARRIGHI, Giovanni. “**O Longo Século XX**. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo”. São Paulo: Contraponto, Editora Unesp 2000.

_____. **Adam Smith em Pequim**: Origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. “**Formação do Império Americano**: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque” Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BARREIROS, Daniel de Pinho. “Crise Econômica e Retomada do Crescimento: Regulação, Intervenção e Investimento Público nos Estados Unidos (1929 – 1939)” **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**, Vol.1 No.3, Jan/Jul. 2007, pp. 1-27.

BEAVER, Daniel R. “**Politics and Policy**: The War Department Motorization and Standardization Program for Wheeled Transport Vehicles, 1920-1940.” *Military Affairs*, Vol. 47, No. 3 (Oct., 1983), pp. 101-108.

BOYER, P. S. et al. “**The Enduring Vision**: A History of the American People.” Wadsworth: Cengage Learning, Concise Sixth Edition, 2010.

BRINKLEY, Douglas.; FACEY-CROWTHER, David R. “**The Atlantic Charter**”. New York: St. Martin’s Press, Inc. The Franklin and Eleanor Roosevelt Institute series on diplomatic and economic history; 8. 1994.

BROMLEY, Simon. “**American hegemony and world oil**.” Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1991.

BUCK, Peter. “**Adjusting to Military Life: The Social Sciences Go to War, 1941 – 1950.**” p.203-252.

CAPLOW, Theodore.; HICKS, Louis.; WATTENBERG, Ben J. “**The First Measured Century. An Illustrated Guide to Trends in America, 1900 - 2000**” Washington D.C.: The AEI Press. 2001. disponível em <<http://www.pbs.org/fmc/>> Acessado em 22 de Maio de 2011.

CARDOZIER, V.R. “**Colleges and Universities in World War II.**” Westport: Greenwood Publishing Group, 1993.

CHANDLER JR., Alfred D. “**The Visible Hand. The Managerial Revolution in American Business.**” 16. Ed Cambridge, The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.

CLAYTON, James L. “The Fiscal Limits of the Warfare-Welfare State: Defense and Welfare Spending in the United States since 1900.” **The Western Political Quarterly**, Vol. 29, No. 3 (Sep., 1976), pp. 364-383.

DEAR, I.C.B.; FOOT, M.R.D. “**The Oxford Companion to World War II.**” New York: Oxford University Press, 2001.

ECKERMAN, Erick. “**World History of the Automobile.**” Warrendale: Society of Automotive Engineers, Inc. 2001.

ECONOMY HISTORY ASSOCIATION. “**The American Economy during World War II**” 2010. Disponível em <<http://eh.net/encyclopedia/article/tassava.WWII>> Acessado em 24 de fevereiro 2011.

EICHENGREEN, Barry. “**A Globalização do Capital, uma história do Sistema Monetário Internacional**”. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2000.

ESPUNY, Ulysses. “**Coca-Cola na Segunda Guerra Mundial**”. Portal Coca-Cola Segunda Guerra Mundial, 2008. Disponível em <http://www.2guerra.com.br/sgm/index.php?option=com_content&task=view&id=420&Itemid=38> Acessado em 21 de Janeiro de 2011.

FABRICANT, Solomon. “**The output of manufacturing industries, 1899-1937**” New York: Arno Press Inc. National Bureau of Economic Research Publications in Reprint. 1975.

FIORI, José L. “**O poder americano**” Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

FLINK, James J. “**The Automobile Age.**” Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology Press, 1990.

FRASER, Cecil Eaton. “**Industry goes to war:** readings on American industrial rearmament” New York: Books for Libraries Press, 1971.

FREEMAN, Chris.; LOUÇÃ, Francisco. “**Ciclos e Crises no Capitalismo Global:** Das Revoluções Industriais à Revolução da Informação.” Lisboa: Afrontamento, 2005.

GALBRAITH, John Kenneth. “**Capitalismo Americano.**” São Paulo: Novo Século, 2008.

GRANT, Michael Johnston. “**Down and Out on the Family Farm:** Rural Rehabilitation in the Great Plains, 1929 – 1945”. Nebraska: University of Nebraska Press. 2002.

GROPMAN, Alan L. “**Mobilizing U.S. Industry in World War II:** Myth and Reality.” Washington: National Defense University. McNair Paper 50, august, 1996.

HARVEY, David. “**O Novo Imperialismo**” São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HASLAM, Jonathan. “**A necessidade é a maior virtude:** O pensamento realista nas relações internacionais.” São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HEITMANN, John. “**The Automobile and American Life.**” North Carolina: McFarland & Company, Inc. 2009.

HIGGS, Robert. “Wartime Prosperity? A Reassessment of the U.S. Economy in the 1940s” **The Journal of Economic History**, Vol. 52, No. 1 (Mar., 1992), pp. 41-60.

HOBBSBAWN, Eric. “**A Era dos Extremos:** O breve século XX 1914-1991.” São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

HOOKS, Gregory.; MCLAUCHLAN, Gregory. “The Institutional Foundation of Warmaking: Three Eras of U. S. Warmaking, 1939-1989” **Theory and Society**, Vol. 21, No. 6 (Dec., 1992), pp. 757-788.

HORNER, David. “**The Second World War (I):** The Pacific” Chapel Way: Osprey Publishing, 2002.

IRISH, Kerry E. “ Apt Pupil: Dwight Eisenhower and the 1930 Industrial Mobilization Plan.” **The Journal of Military History**, Vol. 70, No. 1 (Jan., 2006), pp. 31-61.

JACOB, Eva.; SHIPP, Stephanie. "How family spending has changed in the U.S." **Monthly Labor Review**, Washington, US Government Printing Office, No.3 (March, 1990) pp. 20-27.

KEEGAN, John. "**Inteligência na Guerra. Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda.**" São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KELLY, Cynthia C. (org) "**Remembering the Manhattan Project. Perspectives on the making of the atomic bomb and its legacy.**" Singapore: World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd. 2004.

KENNEDY, David Michael. "**Freedom from fear: The American People in Depression and War, 1929 - 1945.**" New York: Oxford University Press, 1999.

KERSHAW, Ian. "**Dez Decisões que Mudaram o Mundo, 1940 - 1941.**" São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIEBERSON, Stanley. "An Empirical Study of Military-Industrial Linkages." **American Journal of Sociology**, Vol. 76, No. 4 (Jan., 1971), pp. 562-584

LIMONCIC, Flávio. "**Os inventores do New Deal – Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão**" Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

LINK, Albert N. "**Public/Private Partnerships. Innovation Strategies and Policy Alternatives**" New York: Spring Science+Business Media, Inc. 2006.

MASSON, Philippe. "**A Segunda Guerra Mundial – Historia e estratégias.**" São Paulo, editora Contexto, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. "**O Príncipe**" São Paulo: Martins Fontes, 2008.

McCORMICK, Thomas J. "***America's Half-Century: United States Foreign Policy in the Cold War and After.***" Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 1995.

MILWARD, Alan S. "**War, Economy and Society: 1939-1945**" Berkeley: University of California Press, 1979.

MONTGOMERY, B.G. "**Pax Britannica**" Londres: Methuen & Co. ltd, 1928.

MOWERY. David.; ROSENBERG. Nathan. "**Paths of Innovation – Technological Change in 20TH-Century America**" United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.

NASH, Gerald D. **“United States Oil Policy, 1890 – 1964 – Business and Government in Twentieth Century America.”** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. 1968.

NERLOVE, S.H. “War Expansion and Price Inflation” **The Journal of Business of the University of Chicago**, Vol. 15, No. 2 (Apr., 1942), pp.95-130

OECD (Organization for Economic Co-operation and Development). **“Science, Technology and Industry Outlook 2000.”** OECD publishing, 2000.

RAEMDONCK, Dirk C. Van.; DIEHL, Paul F. **“After the Shooting Stops: Insights on Postwar Economic Growth”** Journal of Peace Research, Vol. 26, No. 3 (Aug., 1989), pp. 249-264.

REES, Laurence. **“Stálin, Os Nazistas e O Ocidente. A Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes.”** São Paulo: Larousse, 2009.

RENSHAW, Patrick. “Was There a Keynesian Economy in the USA between 1933 and 1945?”. **Journal of Contemporary History**, Vol. 34, No. 3 (Jul., 1999), pp. 337-364.

RENSHAW, Patrick. “Organized Labour and the United States War Economy, 1939-1945.” **Journal of Contemporary History**, Vol. 21, No. 1 (Jan., 1986), pp. 3-22.

RIFKIN, Jeremy. **“The Empathic Civilization: The Race to Global Consciousness in a World in Crisis”** Cambridge: Policy Press, 2010.

ROMER, Christina D. “What Ended the Great Depression?” **The Journal of Economic History**, Vol.52, No.4 (Dec.,1992), pp. 757-784.

ROOSEVELT, Franklin D. **“Annual Message to the Congress.”** January 4, 1939. Disponível em < <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=15684> > Acessado em 03 de janeiro de 2011.

_____. **“Fireside Chat”** September 30, 1934. Disponível em <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=14759>> Acessado em 17 de janeiro de 2011.

_____. **“Annual Message to the Congress.”** January 6, 1945. Disponível em <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=16595#axzz1OAm7SR2Q>> Acessado em 15 de maio de 2011.

_____. **“Annual Message to the Congress.”** January 3, 1940. <Disponível em <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=15856#axzz1R3THwG1p>> Acessado em 15 de março de 2011.

SCHNEIDER, Carl J.; SCHNEIDER, Dorothy. “**Eyewitness history – World War II**” New York, Facts On File, Inc. 2003.

SCHURMANN, Franz. “***The Logic of World Power: An Inquiry into the Origins, Currents, and Contradictions of World Politics.***” New York: Pantheon. 1974.

SHERWOOD, Robert. “**Roosevelt e Hopkins: uma História da Segunda Guerra Mundial.**” Brasília: Nova Fronteira, 1998.

SKOCPOL, Theda.; FINEGOLD, Kenneth. “State Capacity and Economic Intervention in the Early New Deal.” **Political Science Quarterly**, Vol. 97, No. 2 (Summer, 1982) pp. 255-278.

SMITH, Merritt Roe. (org) “**Military Enterprise and Technological Change: Perspectives on the American Experience**”. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology. 1985.

STAVERS, Stephen. “Snap Shooting in Close Combat.” **The Infantry Journal**, December 1944, no 1 pp. 29-30. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/How_to_Shoot_the_US_Army_Rifle/Snap-Shooting_Article#page/n0/mode/2up> Acessado em 29 de Maio de 2011.

THUCYDIDES. “**The Peloponnesian War**” Tradução: Martin Hammond. New York: Oxford University Press. 2009.

U.S. STRATEGIC BOMBING SURVEY: OIL DIVISION REPORT. From German Air Force Staff, Plans Division Report of 8 July 1944. Disponível em <<http://www.sturmvogel.orbat.com/ussbsgensum.html>> Acessado em 30 de Junho de 2011

WEINBERG, Gerhard. “**A World At Arms, A Global History of World War II**”. New York: Cambridge University Press, 1994.

WESSELS LIVING HISTORY FARM, York, Nebraska disponível em <<http://www.livinghistoryfarm.org/index.html>> Acessado em 10 de Maio de 2011.

WORTHEN, Dennis B. “**Pharmacy in World War II**” New York: The Haworth Press, Inc. 2004.

YERGIN, Daniel. “**O Petróleo: Uma história de ganância, dinheiro e poder**” São Paulo: Scritta, 1992.